

AMÁLGAMA



GABRIEL RIBEIRO

W224

Amalgama

*TL*224

Editora TL224

Colaboração: Beatriz Marchesini
Marcia Abreu

Edição: Ana Julia Saviolli Prado
Beatriz Martuscelli da Silva Prado
Paula Cruciol e Souza
Thaís Zanetti de Sylos

Revisão: Ana Julia Saviolli Prado
Beatriz Martuscelli da Silva Prado
Thaís Zanetti de Sylos

Diagramação: Paula Cruciol e Souza

Capa: Felipe Pereira

Ilustrações: Gabriel Jaconi

Gabriel Ribeiro

AMÁLGAMA

U224

Copyright © 2018 by Editora TL224

1ª edição 2018, Campinas, Editora TL224

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - UNICAMP

CRB 8/8624

Ribeiro, Gabriel

R354a Amálgame / Gabriel Ribeiro – Campinas,
SP: UNICAMP/IEL/Setor de Publicações, 2018
121p.

ISBN 978-85-62641-17-6

1. Contos Brasileiros. I. Título.

CDD: B869.35

Direitos em língua portuguesa reservados à

Editora TL224

Universidade Estadual de Campinas

R. Sérgio Buarque de Holanda, 571, 13083-859, Cidade Universitária,

Campinas, SP – Brasil

*Para os meus leitores, a quem confiei minhas dúvidas,
Amanda, João e Dino*

Agradecimentos

Este não é o meu primeiro conto que acaba sendo publicado por aí, mas a situação do Amálgama é diferente. Ele é o primeiro conto que escrevi fora de casa e me considerando, de certa maneira, adulto. Sua publicação é especial, então me sinto grato à professora Marcia Abreu e às editoras Paula, Ana Julia, Beatriz e Thaís pela chance de revisitar meu texto e fazê-lo crescer. Agradeço também cada um de meus familiares – pais, avós e tios – que por tantos anos alimentaram meu apetite por leitura e, conseqüentemente, pela escrita. Finalmente, agradeço novamente meus leitores de confiança, Amanda, João e Dino, que com carinho recebem meus brotos de história.



INTRODUÇÃO

Entre o momento em que estoura a bolsa e aquele em que o trabalho de parto realmente começa, para aquelas mulheres que ainda optam pela fecundação *in utero* e que pertencem ao núcleo da família Royce, uma série de assinaturas – tanto biométricas (de, íris e gráficos de onda) quanto grafadas a tinta em antiquados formulários de papel e vias digitais – deve ser coletada se o nodo familiar a que pertence deseja perpetuar sua inclusão no Programa de Assistência Continuada. Esse nó é composto pela mulher, qualquer companheiro que tenha, pais e irmãos dependentes, filhos mais velhos e o feto a nascer.

Caso ela se recuse a assinar, os médicos realizam o parto com eficácia, mas sem qualquer esforço e, após três dias de cuidado na maternidade do Hospital Geral do Núcleo, a família é despejada de seu apartamento na arcologia do Conglomerado Delphi. Como dita a primeira linha de seus contratos, seus empregos são tomados, assim como seus planos de saúde, seus passes de transporte empresarial e quaisquer outros subsídios de que usufruam. Perdem, assim, tratamentos médicos, desde cárie a câncer, e acesso aos andares do metrô.

Por essas e outras razões, há pouquíssimas recusas na hora de dar assinaturas dentro do intrincado sistema

que regula todas as vidas ligadas por sangue, por tinta e por dados à corporação de Dalton Royce.

Ward Cox-Royce, um dos primeiros a nascer na sétima geração do grupo Delphi, é fruto da popular e padronizada fecundação *in vitro*, repleta de reguladores hormonais, sucos nutritivos para os órgãos e aceleradores de mielinização dos neurônios. Ele saiu de sua incubadora com os tornozelos, pulsos e toda massa cinzenta agrilhoados por cláusulas de responsabilidade, dedicação, dever e honra.

Saindo da cuba de gestação e da maternidade, um bebê dos Royce passa por algumas poucas semanas de adaptação em casa, assistida por enfermeiros e pediatras, e logo começam as sessões de estimulação. Os móveis, brinquedos de morder, chocalhos, estruturas nas superfícies das mesas, nas janelas dos veículos, ao redor de tigelas de plástico e tantos outros objetos emitem, em intervalos regularizados, músicas – principalmente as sinfonias de Mozart –, luzes intercaladas e ruídos. Esses estímulos são relacionados pela ciência à excelente formação das capacidades linguísticas e do pensamento lógico de acordo com as respostas registradas pelo recém-nascido.

O que preocupava a mãe de Ward durante o crescimento do filho era que, diferentemente de como fora em sua geração e na de seu elevado marido, agora todas as crianças da família Royce passavam pelo mesmo processo de treinamento personalizado para seus padrões biológicos e capacidades específicas. Tudo ficava à mercê de como a sorte distribuía as cartas no jogo de baralho chamado combinação genética.



PARTE 1

Doze anos passaram-se desde a incubadora, as luzes e os sons incessantes. Ward inveja sua irmã de cinco anos de idade, que só precisa enfrentar a leitura de alguns poucos romances moralizantes, operações matemáticas simples e solução de aperitivos de lógica para o cérebro.

Já os professores particulares do mais velho enchiam sua cabeça de noções de geopolítica voltadas para as relações mercantis e a evolução das tecnologias, desde a prensa de Gutenberg até os revolucionários biocomputadores nascidos no Conglomerado; séries sem fim de problemas de lógica, matemática avançada, com operações em que se misturam tantas letras que quase é possível formar sentenças completas; a filosofia vinda de Tales de Mileto, encaminhando-se ao *Tractatus de Wittgenstein* e por fim alcançando os expoentes analistas do trans-humanismo e da filosofia corrente: William Jensen e Downland Bergmann, que trazem assuntos, agora contemporâneos, que nos séculos XX e XXI foram muito explorados pela ficção, como a criação responsável ou contenção de inteligências artificiais plenamente capazes e os limites entre a humanidade e a tecnologia numa era em que os dois se mesclam em corpos únicos.

Vinda da rotina febril e de intermináveis estudos e provas, uma mordida no lábio inferior instalou-se como mania no tataraneto de Dalton Royce. Quando Ward não estava em seu quarto, entre as telas holográficas de planilhas e textos, em uma clínica de fortalecimento de redes neurais ou frente a um psicólogo que tentava manter sua ansiedade sob controle, o garoto podia ser visto à mesa com a comida misturando-se ao sangue saído da ferida, que é curada e reaberta no ritmo do primeiro movimento da *Sonata em dó maior*, de Mozart, que ressoa em seu íntimo desde o berço.

Ao vê-lo ali sentado, de cenho franzido, mordendo a boca nervosamente e mal alcançando os pés no chão de azulejos de acrílico propositalmente desbotados, Jenna, sua mãe, agora com quarenta e tantos anos, de olheiras marcadas e vestindo um terno como de executivos, não podia impedir-se de dizer, vacilante:

- Acalme-se, filho. Aposto que, se continuar seguindo o Plano com a determinação de sempre, alcançará seu pai antes de completar dezoito anos e será um homem tão elevado quanto ele. E sua irmã se juntará a vocês logo em seguida. – escapava-lhe então uma risadinha nervosa, nada convincente, e torcia os dedos das mãos.

Ward, com todo humor de alguém que fora ao cinema quatro vezes na vida e que não consumia açúcar refinado para que seus subprodutos não atrapalhassem seu aprendizado, sorria para a mãe, cansado, e dizia que tinha certeza de que, sim, sua União logo aconteceria. Ele então ignoraria o nervosismo dela e terminaria de comer, pressionando a parte inferior de seu lábio com a língua para então retornar ao quarto, rumo a mais uma bateria de exercícios.

Caso alguém que não conhecesse as relações daqueles que vivem sob a saia do Conglomerado Delphi gastasse um de seus dias na companhia do garoto Cox-Royce, notaria que algo de estranho o acometia. O menino gastava a maior parte de suas horas despertas em silêncio, entre os números e os fatos, levantando sua voz apenas para sanar pequenas dúvidas com seus mestres em videoconferência ou com a Inteligência Artificial especializada em buscas que servia a população mundial através da internet.

Ademais, o forasteiro perceberia que Ward não ouvia música alguma, não lia quaisquer histórias em quadrinhos projetadas em sua parede, não assistia a desenhos, filmes de ação ou *blockbuster* algum e a maior semelhança que se encontraria entre ele e uma criança

comum seria o momento em que corre pela manhã, antes do café. Mas ainda assim, as situações seriam fundamentalmente diferentes. A criança correria por correr, para pegar um amigo ou para se esconder, pela diversão. Ward, no entanto, corria porque o Plano mandava, para que seu corpo fosse mantido saudável e, portanto, para que a lapidação de seu intelecto seguisse em seus trilhos.

A comparação que viria à mente do forasteiro no findar do dia seria a com um robô, que faz o que faz sem saber o porquê de fazê-lo em uma corrente de automatismos que é perpetuada enquanto sua obsolescência não o alcança. Ward, porém, sabia que não era o caso. Desde quando podia compreender a língua falada, e até antes disso, ouvia as histórias sobre Dalton Royce – "o nosso avô", como o chamavam seu pai e sua mãe – e retirava delas seu senso de objetivo inabalável.

Eles contavam como o "avô" havia continuado os negócios começados por seu pai como fabricante de soquetes de lâmpada em uma área de conurbação de Nova Iorque e, em pouco mais de uma década, ainda no século XX, transformou a pequena fabriquetta em uma das primeiras produtoras de *chips* para computadores.

A nova empreitada trouxe riqueza e Dalton surfou na onda da atualização e da aceleração da tecnologia de maneira exímia, sem nunca cair. Seu império industrial expandiu-se e a aquisição de outras empresas o tornou líder no mercado de inovações. Sua glória, sabia Ward, estava totalmente registrada em uma pintura na antecâmara em que vivia seu avô. Segundo seu pai, era a tela mais bela que já havia visto, capaz de arrancar lágrimas de qualquer um.

Dalton Royce virou um ícone, uma celebridade do mercado, um ditador de tendências. Em popularidade deixou até Steve Jobs e seus pares para trás.

Na virada da segunda década do século XXI, o Conglomerado Delphi fora formado, porém, a saúde do avô desapareceu. Em alguns poucos meses, o câncer o dominou e sua espinha dorsal foi tomada de ponta a ponta, o que o tornou um prisioneiro de sua cama e de seu próprio corpo. Sua mente, porém, passou a singrar os céus através dos impulsos da internet como pássaro digital, dizia Silas, o pai de Ward.

A única esperança para a preservação da liderança do avô parecia ser o *upload* de sua consciência. A barreira inexorável do tempo, contudo, impedia os avanços mais otimistas. As expectativas para que algo do gênero fosse

inventado eram em cerca de quatro décadas, se tudo corresse de maneira ideal. Sendo assim, as projeções mais honestas apontavam seis ou sete.

Do escafandro que era sua própria imobilidade, então, Dalton teve uma epifania científica. Junto a seu conselho, formulou a teoria que salvaria sua vida e permitiria que vivesse suficientemente para um dia conhecer seus tataranetos e, quem sabe, algumas gerações além deles.

A equipe então concebeu uma ideia a partir da união das emergentes nanotecnologias, dos mais poderosos conservantes de matéria orgânica viva e de um substrato computadorizado para realizar a interface, que estava em desenvolvimento há alguns anos por um grupo no Oriente Médio.

Para que o decaimento fosse atrasado, Dalton Royce teria seu corpo moribundo unido ao de um voluntário saudável.

O mártir foi sua esposa e mãe de seus filhos, Alana, trinta anos mais nova que o magnata. A mãe de Ward sempre ficava comovida por esse fragmento da história e não podia conter as lágrimas perante tal prova de amor. Toda vez que chegava a essa essa parte, jurava que também se sacrificaria, se necessário, por Silas.



O resultado da operação fora digno de um final de conto de fadas em que o príncipe e a princesa vivem felizes para sempre, apesar de Ward só conhecer réstias rotas e misturas de começos e finais sobre o processo.

A morte não alcançou Dalton nem Alana, pois, ao contrário do que diziam as previsões de seus cientistas, a consciência da mulher não se perdeu na junção dos corpos e, agora pulverizadas as expectativas, passou a dividir o novo corpo com seu marido.

A primeira União acontecera entre amantes e, em consequência da junção entre as essências feminina e masculina, subiu-se um patamar jamais alcançado pela humanidade. O resultado era superior à simples soma de seus fatores e a consciência alcançada carregava algo profético, uma promessa de superação do mundo comum.

Esses tantos romances de história foram desenrolados, tecidos fio a fio em torno do coração do garoto a cada nova sessão de narração. As tramas formadas, antes sinais de felicidade e esperança, agora tinham sua rigidez reforçada por cada batimento a cada ano passado.

Esse aperto teve papel de bigorna e martelo na formação do caráter, das motivações e da garra de Ward Cox-Royce, construindo características livres de uma programação oculta e, na verdade, feitas como uma

estrada de mão única, com todas as placas sinalizadas, sem retornos e com a promessa de que desembocaria em uma luminosa metrópole paradisíaca, determinada como um Destino Manifesto.

δ

Aos domingos, as horas de extenuante concentração de Ward eram reduzidas para quatro. As vinte restantes eram ocupadas por seu exercício matinal, suas refeições, uma visita ao parque que em pouco se diferenciava das horas de escola para uma criança estrangeira, quando examinadas sua regularidade: uma vez a cada semana. O garoto não via propósito nas atividades, comparecia somente devido a insistência da mãe e, quem sabe, para afastar algo certamente pior do que os momentos de inatividade, quando algo lhe acometia.

Ward temia o ócio, onde os portões do Tártaro escancaravam-se e a trindade profana o assombrava, trazendo consigo um novo ritmo desesperado às mordidas incisivas no lábio inferior. A Culpa, o Medo e a Melancolia lutavam entre si para obscurecer cada pensamento do garoto e só podiam ser calados de duas maneiras: pela quebra do ócio, através do Plano – a redução das

obrigações diárias para apenas quatro horas de atividade fazia parte da rotina de aprimoramento e, em tese, permitia que o cérebro do rapaz não torrasse – e por meio do sono.

Nos dias em que a Culpa vinha cheia de força, capaz de encharcar os olhos e os ossos com a pressão do fundo do mar, Ward voltava a estudar e poderia jurar que sentia o cheiro de queimado saindo pelas orelhas. Ela surgia das profundezas junto à sensação de que os estudos e treinos do garoto não seriam suficientes para concretizar sua União.

Havia também os dias do Medo e com eles surgia um peso no peito daqueles que faz baixar a cabeça. Como num par inseparável, também vinham as correntes nos pulmões, certeiras na arte de fazer o corpo todo tremer e de entrecortar a respiração, mantendo os níveis de oxigênio no sangue na concentração mínima exigida para a sobrevivência. Eram nesses dias em que o garoto dormia, já que o terror do estado de pária que viria com uma possível falha de seu Plano era impossível de se aguentar desperto.

Os dias de Melancolia eram devastadores, pois eram vazios. Ward pensava que havia um dedo de Medo neles, já que percebia a insegurança como a base de tudo que

sentia quando ela era triunfante. Talvez fossem aliados? O vazio que o tomava, como a aliança M-M provocava vez ou outra, provinha da certeza da derrota e de que todo o Plano era em vão.

As dores de cabeça que o acometiam eram inibidoras do dormir, mas não do estado de sonolência. Depois da dura batalha contra a trindade, o menino era declarado espólio de guerra e era arrastado pelo Medo para uma escuridão de sonhos impossíveis de recordar. As dores lancinantes cometiam a afronta de não se dobrar aos efeitos restauradores do sono e, pelas manhãs de certas segundas-feiras, faziam questão de impor sua presença.

Num domingo de Culpa, os Cox-Royce saíram de seu apartamento às nove em ponto e chegaram à estação de metrô do Andar VII às nove e quinze, depois de uma caminhada pelos calçadões que separavam os diversos complexos de apartamentos na região de habitação central da pseudocidade Roycestadt.

Abby, a irmãzinha de Ward, chorou e reclamou para levar I.O.W.A, sua inteligência artificial de bolso que ajudava no cumprimento de seu Plano e que a menina tratava como uma amiga, mas, relutante, aceitou deixar seu fone de projeção em casa.

O irmão, no entanto, já menos supervisionado pela mãe, fora capaz de contrabandear seu próprio fone e o sensor de têmpora nos bolsos.

Aos poucos, as formas do enorme pé direito e das paredes brancas da estação foram reconhecidas e seu ingresso pelas catracas eletrônicas deu-se com um passar dos chips epidérmicos de identificação, localizados na base das mãos direitas de cada um, sem débito algum da conta da família – como era o padrão do transporte em toda Nova Iorque e mesmo dentro da arcologia: sem custo.

A bordo do vagão largo, pouco apertados no conforto considerável dos trens do Andar VII, Abby jogou-se no assento com visão para a janela, na fileira da extrema esquerda, separada de sua gêmea refletida na janela do outro lado do vagão. Ward sentou-se ao seu lado e Jenna ao lado dele, como uma boa mãe acometida de ataques de nervos, garantindo que estranhos nas outras oito linhas de cinco cadeiras fossem mantidos longe de seus filhos.

Aproveitando a distração de sua mãe ao sentar-se e acomodar sua bolsa, o garoto inseriu o fone no ouvido esquerdo e fixou o adesivo do sensor de têmpora na cabeça de modo que ambos não fossem vistos pela mãe. Ela insistia em seu descanso aos domingos até depois do almoço, mas ele se recusava e sentia o corpo e a mente

relaxando conforme a Culpa, filha do ócio, perdia suas forças.

Com um toque no aparelho sobre sua têmpora, Ward deu início ao programa de questões de múltipla escolha e depois concentrou-se em escondê-lo sob as mechas do cabelo.

Sua irmã seguia aos saltos no banco, apoiada contra o vidro e animada com a vista dos gigantescos espaços que se abriam em ruas, praças, parques e edifícios sob os trilhos magnéticos do trem flutuante. A sensação dos limites distantes de acrílico, concreto e metal da arcologia, porém, nunca sumia.

Ao som da primeira questão, Ward iniciou uma série de cálculos, ávido pela resolução de um problema de câmbio entre dólares e neoienes de Nova Tóquio: juros, inflação e escaladas das ações de uma empresa hipotética em três bolsas de valores diferentes.

Soaram as respostas **A**, **B**, **C** e **D** com a distinção de letras grafadas em negrito. Julgando a de letra "B" como correta, bastou o garoto pensar B para que o programa reconhecesse sua tentativa e a avaliasse.

Para alguém de outro tempo, todo esse processo de leitura de mente pareceria impossível, mas, para a geração de Ward e algumas anteriores, é sabido que, na verdade, o

processo é algo simples e não se trata da estrita observação de pensamentos.

Durante o primeiro uso de um programa que funcione com um sensor de têmpora,   necessário fornecer um número de diagnósticos de ressonâncias cerebrais correspondentes às interações que são disponibilizadas pelo *software*. No caso do que Ward usava no trem, são requeridos os dados de ressonâncias que representem os estados de funcionamento cerebral de se pensar **A**, **B**, **C** e **D**, para que o *scanner* temporal possa comunicar-se com os *microchips* do crânio do usuário, instalados quando beb .

As funções desses *chips* podem variar do suporte em tratamentos de auxílio   formação de ligações neurais; da aceleração de aprendizagem até a instalação de chaves de segurança para desligamento total da atividade cerebral; e a realização da sondagem de padrões de performance da massa cinzenta para devolver a resposta que seu utilizador deseja assinalar. O sensor então interpreta o padrão capturado de acordo com sua base de dados e dita se a alternativa escolhida é ou não a correta.

O grande problema encontrado nos *softwares* que rodam com base nas chapas de ressonâncias magnéticas é que eles são extremamente limitados se poucos dados são

fornecidos. Nesses casos, emoções, pensamentos paralelos e estados de ânimo diferentes dos encontrados nos registros básicos podem influir sobre a interpretação da atividade cerebral examinada e causar análises errôneas. No caso de Ward, um **A** pensado em conjunto com uma preocupação resulta em um **B**, assim como acaba um **C** faminto em um **D** sonolento. Esse era um problema constitutivo do programa, mas isso não impedia a teimosia do rapaz em usá-lo.

Enquanto ouvia a questão de número quatro, pegou-se pensando no desgaste de serem atropeladas as programações do Plano e do cheiro de queimado que escaparia das orelhas caso insistisse nisso.

Analisando a solução do problema, o resultado encontrado foi **A**. No entanto, enquanto calculava também refletia se as broncas que viriam da mãe caso descobrisse o que fazia valeriam o esforço de esconder todo o aparato auricular, o que encheu a resposta de preocupação. Por isso, o *scanner* leu **B** e o exercício foi dado como errado.

O desinteresse gerado pela falha técnica e as súplicas de Abby levaram o olhar do menino para o exterior do metrô. Nesse ponto da viagem, nada se mantinha no mesmo nível dos trilhos e o vagão rasgava o ar sobre os tetos de prédios em uma região baixa da pseudocidade.

No ponto onde o horizonte longínquo deveria continuar no mundo aberto, havia uma parede colossal e curvada da estrutura que abrigava os Royce e os milhares de funcionários do Conglomerado Delphi. Os muros abriam-se em painéis transparentes de acrílico entremeados por uma malha metálica gigantesca – dezenas de metros de vértice a vértice, certamente maiores do que os tetos de algumas casas de áreas menos beneficiadas pela generosidade do grande chefe.

Além desses painéis, Ward pôde enxergar o caos ordeiro do tráfego da aberta Nova Iorque em sua miríade de linhas pareadas e sobrepostas, bem como o fluxo inimaginável de pessoas, tantas que se confundiam com massa. Ele imaginava se um dia saberia como era não ter o teto de Roycestadt acima da cabeça.

O devaneio das maravilhas do mundo sem paredes físicas iniciou-se naquele horizonte e resultou em pensamentos sobre a primeira colônia espacial humana em Marte, que estava prestes a completar cinquenta anos de fundação e carregava na nave de vela solar a promessa de viagens interestelares em duas décadas e meia. Alongou-se, então, até o momento em que o quase imperceptível puxão da inércia produzido pelo frear suave dos vagões em fila quebrou a concentração de Ward.

Sua surpresa ao ser fisgado do estado de sonho acordado foi tanta que se atrapalhou no momento de guardar seu sensor e o derrubou ao descer para a plataforma numa tentativa de metê-lo no bolso. Sua mãe ouviu o barulho do plástico rachando e botou-se a ralar:

– Ward! – chamou como se repreendesse um cão – Indo contra o Plano outra vez?! Você sabe como isso acaba! Seu primo Victor acabou demente, incapaz até de secar a baba que escorria pelo queixo! Ou pode acontecer como a Margaret, sua tia, que, depois que torrou, desaprendeu como amarrar os tênis e falar palavras com mais de duas sílabas! – então se recompôs – Faça como seu pai, querido.

No entanto, com um raspar de garganta seguido de um “senhora Jenna”, a bronca da mãe parou nos trilhos, seu dedo em riste fechou-se em aperto de mão e as costas arqueadas para nivelar seus olhos aos do filho se endireitaram. Essa interrupção, diferente do tranco inercial anterior, foi como um apagão de um distrito inteiro, casas, telas e janelas jogadas na escuridão de súbito. O fraco “olá” de Jenna, não mais que um sussurro, fez Ward virar-se e encarar os dois homens que haviam se colocado em seu caminho.

Em sua retidão e goma, pareciam ter sido construídos ali como mais um par de pilares de sustentação do teto claro: as abotoaduras metálicas e discretas de seus punhos eram seus parafusos e os ternos asseados e escuros, as camadas de tinta envernizada e inviolada, já que a partir do Andar V não havia vândalos.

A multidão que circulava os cinco e os isolava em uma bolha de silêncio tumultuado só intensificava a aparência impávida dos dois homens de formalidade total. Lentes escurecidas sem armação alguma cobriam seus globos oculares como se fossem aplicadas direto às retinas, e seus cabelos dividiam-se em perfeitas ondas de gel. O da esquerda continuou a conversa com Jenna:

– Pedimos desculpas por atrapalharmos o passeio de sua família, senhora Jenna, mas imaginamos que já saiba por que o fazemos, não? – seu cenho não se desfranzia quando falava e a impressão que dava era a de que consternação era a única expressão em seu repertório. Seu duplo não falava, mas sua testa mantinha-se franzida.

– É por causa do Ward, não é?

– Sim – o executivo cortou sua fala outra vez mais – é pelo senhor Ward.

– É por conta do Plano? Por seu atrevimento em não o seguir? Acham que ele vai...torrar? – a última palavra

fugiu de sua boca, ignorante ao medo que a mulher sentia de que sua pronúncia lhe conferisse substância.

– Não, senhora Jenna. – O homem do lado esquerdo não pareceu ser tocado por confusão alguma – Nós atrapalhamos seu momento de lazer devido ao interesse que Ward causa à Unidade.

Entre o silêncio surpreso de Jenna e mais uma volta de suas mãos nervosas uma em torno da outra, no aperto dos dedos, o homem do lado direito retirou do bolso interno do paletó um cartão de plástico branco. Suas bordas eram arredondadas e em seu centro havia um delta em caixa baixa e relevo negativo preenchido de turquesa.

O executivo o estendeu para Ward e o menino o pegou com três dedos, curioso. Ele o inspecionou, virou de lado a lado e prontamente o descansou sobre a tela de seu microcomputador.

O MC, como era melhor conhecido, provinha diretamente dos *smartphones* de 2010 e substituiu os aparelhos de mesa tradicionais ao misturar sua linhagem com os computadores mais potentes da época, herdando sua capacidade operacional e equipado com teclados holográficos, navegação por rastreamento de retina e outras facilidades.

O contato do chip delta com a tela sensível do MC produziu uma reação luminosa e os contornos de uma face foram construídos traço a traço em alta velocidade.

Na lâmina de vidro translúcida que era o MC, agora limpa das imagens de seu sistema operacional, a Unidade se manifestou em holograma. A luz era irradiada em feixes distintos por trás de sua cabeça, como se viesse da paisagem que podia ser vista através do aparelho transparente e que escondia sua figura em sombra, transformando-a numa silhueta. No centro da testa estava o delta turquesa e em seu interior um ponto luminoso imitava uma pupila. No lugar do par convencional de olhos havia apenas linhas abauladas, indicando que jaziam fechados, em descanso.

A silhueta de seus lábios moveu-se e de seu interior esbranquiçado saltou uma voz diáfana, composta de uma mistura irreal de agudo e grave:

- Ward de Cox e Royce... a Unidade requisita sua presença... Seu potencial... e sua determinação... para com o Plano... são dignos de nota... Ascenda ao Andar X... e apresente-se àqueles que são Um.

A large, light gray, stylized letter 'S' with a decorative flourish at the top, serving as a background for the text.

PARTE 2

A antecâmara do figurado imperador de Delphi era impressionante em seu luxo disfarçado de simplicidade. Havia uma displicência na maneira com que as faixas de pedra clara e áspera se misturavam com a madeira de veios grossos e lustrosa. O cheiro e os feixes denunciavam sua origem selvagem e, por consequência, a fortuna gasta na decoração da sala, considerando que atualmente até mesmo a celulose era produzida em fábricas.

A mesa de centro era um cubo de mármore cru recortado em ângulos retos, mas de seu interior, através de vincos profundos, fluíam veios de ouro e cobre na simulação de um riacho e seus afluentes metálicos congelados no tempo.

A sala ampla parecia um acontecimento natural, um acidente geográfico, tal qual uma montanha que surge do fundo do mar, e essa semelhança a enchia de elegância.

A luminosidade natural, vinda de uma claraboia de anéis de vidro circunscritos, era o mais próximo que Ward já havia chegado do mundo exterior, com o céu a apenas quatro metros de sua cabeça, logo após os segmentos transparentes e grossos que separavam os ares do confinamento e da liberdade.

Sua atenção, porém, havia sido escravizada por uma paisagem ainda mais surpreendente, de modo que a proximidade do Sol nada importava.

A cima da lareira de pedra cinzenta, com seus tubos de gás e acendedores automáticos, independente de lenha, jazia a joia da coroa. Sua moldura era quase inexistente: uma faixa de metal leve cujo único propósito era impedir que as bordas da tela fossem rasgadas ou empenassem e cujos adornos usuais haviam sido recusados para que nada se interpusesse sobre a beleza da pintura que guardava.

A peça era composta em quatro atos e seus atores haviam sido construídos em alto e baixo relevo, em contrapontos de cenário, pessoas, luz, escuridão, cor e movimento, todos eles de uma resina lisa, macia e tinta forte. A pintura carregava cores e contraste de luz dignos de Tintoretto; suas sombras pareciam saídas diretamente da Guernica, que atormentou Picasso depois dos bombardeios da Luftwaffe; e todo o movimento era regido pela transitoriedade corrida e fiel à passagem do tempo, presente nas curvas da “Noite estrelada” de Van Gogh.

Ward admirava as espirais da história revelada à frente de seus olhos.

No canto esquerdo da pintura, um bando de caçadores, munido, primeiramente de arcos e flechas e

depois de armas de fogo, perseguia corças e javalis, com um homem barbudo em seu centro, elevado e protegido, envolvido pelo movimento e ao mesmo tempo livre dele, como se todo o fluxo de seu âmago brotasse.

Era o primeiro Royce. Suas presas, à frente, eram então convertidas em estradas longas e os caçadores portavam agora mochilas carregadas e, ao invés de caminhar, percorriam a terra em carroças.

Nas encruzilhadas estranhas que encontravam os vendedores viajantes, a proximidade e a força da família eram imprescindíveis para sua sobrevivência. A massa de herdeiros encontrava uma parada e, em meio a caixotes, membros de maquinaria e luzes fosforescentes, mais um dos pais barbudos era centralizado, dessa vez com um soquete de lâmpada em uma mão e a chave de ignição da indústria em outra. O primeiro centro de revolução focado em um só homem.

Desse novo epicentro, a onda mais forte se levanta e a construção de um delta gigantesco simbolizava as conquistas de Dalton Royce, com fios arrastando-se pelas bordas da tinta e do tempo, finalmente convergindo em uma Unidade maior que qualquer outro ser humano no plano da belíssima tela, fechando a história dos Royce na extremidade direita do quadro.



A ilustração era um grande estandarte para o orgulho daquela família e sintetizava, em uma moção intrincada e fluída, o dever e a honra a serem defendidos por cada um de seus descendentes.

O cérebro de Ward, no momento convertido em esponja, sugava toda informação daquele fragmento de tempo suspenso. Ele não podia afastar a certeza de que, com a pintura usada de alavanca e sua mente de ponto de apoio, poderia soerguer as correntes irrefreáveis dos anos e ali, naquela sala, compreender como sua família fora formada e por que era o que viera a ser.

Nos grupos de caçadores, embrenhados em florestas e cercados de perigos, surgiu a reverência a um líder sábio e justo, corporificado no homem de barba e espingarda. Entre os caixeiros-viajantes, sempre estrangeiros não importando quais fronteiras cruzassem, a união e a dedicação aos irmãos e às irmãs fez-se essencial. Os valores do trabalho árduo e da engenhosidade foram sempre valorizados pelos Royce, mas consolidaram-se como seus apêndices de herança quando a fábrica de soquetes surgiu e o suor escorreu sob as lâmpadas quentes e entre as correias e esteiras da linha de produção.

Dalton Royce ocupava uma posição especial na pintura, segundo a interpretação de Ward: seu delta em

turquesa era o primeiro passo na escalada dos degraus da consciência superior, pois foi ele quem unificou todos os princípios cultivados por gerações. O capítulo final, mais próximo das águas correntes no rio da história, era a União, esplêndida em sua capacidade de prover o bom, o justo, o necessário e o que ainda era uma dúvida do futuro para seus protegidos.

Naquela antecâmara, prestes a realizar sua primeira visita formal à entidade que centralizara sua vida até então, Ward refletiu sobre como sempre compreendera seu destino, mas não completamente, escancarado para todos verem. Em seu peito, parecia que a Culpa, o Medo e a Melancolia não teriam mais lugar, pois a Unidade em breve o preencheria sem folga.

δ

Ward havia observado avidamente aquela história suspensa na pintura e, sem que houvesse sido dada uma chance para se recuperar de todo o aturdimento gerado por ela, houve uma mistura de sons exasperados. Eles vinham de uma das laterais da antessala, em um dos corredores gêmeos que ladeavam um vaso de porcelana amarronzada e com aparência queimada.

Dos fundos escuros desse caminho, um homem e uma mulher saíram trocando palavras em voz alta. O homem, enfiado num terno esverdeado com detalhes dourados e gravata espalhafatosa pedia compreensão:

- Por favor, senhorita Trenchard, tente outra vez! Suas recomendações são as melhores de Nova Iorque. Do estado inteiro! - O desespero era palpável em seu discurso sem fôlego.

- Deixe-me colocar em termos leigos, senhor V - disse a senhorita Trenchard com visível incômodo - O neurocosmo dessa sua coisa é uma baderna! Parece uma sopa de letrinhas em que foram misturados os alfabetos latino, grego e cirílico! Não tem como fazer nada ali dentro ter algum sentido! Desculpe, mas não posso ajudar. Passar bem!

O senhor V, depois de emitir um suspiro pesaroso acompanhado de um balançar de cabeça, aproximou-se do menino dos Cox-Royce com um sorriso afetado e mãos em abano. Suas costeletas quase uniam-se no queixo e um bigode fino torneava o lábio superior. Apertou a mão direita de Ward com ambas as mãos e logo desandou a falar.

Ele estava realmente orgulhoso de receber o garoto para uma visita à Unidade, já que era algo que poucos

faziam e cerca de noventa por cento desses raros casos terminavam em uma futura União.

O sorriso de Ward perante essa afirmação esquentou ainda mais sua recém-renovada esperança e o encheu de felicidade, embora um certo arranhar agudo de ansiedade restasse em seu íntimo.

O anfitrião passou cuidadosamente pelos protocolos de segurança, mas fez questão de exprimir sua certeza de que o menino não os quebraria e de que não seriam necessárias repetições. Ward passaria por um scanner de metais e por uma checagem de retina, digitais e de seus microchips neurais. Dentro da sala, ele não poderia ultrapassar a linha preta no chão em frente ao tanque, e não poderia tocar em nenhuma aparelhagem, decoração ou o que quer que fosse. Suas palavras só poderiam ser dirigidas à Unidade e deveria sempre lembrar de que era monitorado durante toda a sua estadia.

As revistas ocorreram no corredor da esquerda e nada fora do normal foi encontrado. Os padrões de retina e de digitais seguiam inalterados e o fluxo de dados de reconhecimento que circulava pelos microchips batia com o registrado em sua certidão de nascimento.

Ward não carregava nada exceto seu MC e o fone de ouvido que escapara das garras de sua mãe. Ambos foram

deixados em um pequeno guarda-volumes. O garoto foi então encaminhado para o corredor da direita onde uma grande porta de cofre foi liberada de suas fechaduras magnéticas com um suave sussurro.

A primeira sensação de Ward, antes mesmo de adentrar a câmara da Unidade, foi o frio. Era um frio que se espera sentir no interior de um mausoléu que descansa sob a sombra do inverno. Mediante a entrada, porém, a umidade que fora prevista pelo menino não foi encontrada. Tal sumiço se deu devido à presença de quatro filtros de ar alojados nos quatro cantos superiores da sala, encarregados de manter o ambiente seco, livre de odores e de agentes microscópicos indesejados.

A segunda percepção foi o escuro: salvo as lâmpadas presentes no centro do teto, desviadas do meio do salão, apontadas para o chão e de potência baixa, não havia fonte de luz.

Com seus olhos acostumados em uns breves segundos, Ward girou o olhar pelo cômodo. Novamente, a máscara da sobriedade recaiu sobre a opulência e foi levantada pelo exame dos pequenos detalhes, desfazendo, com débil resistência, a imagem tumular.

Os azulejos azul-escuros eram entremeados por padrões cinza encadeados em labirintos de voltas infinitas,

como um trabalho de artista. Em meio aos monitores, que quase sempre piscavam e apitavam para ninguém e em locais esparsos da sala, escondiam-se esculturas de mármore em escala de um quinto do corpo humano, parecendo segurar o fôlego indefinidamente para que suas posições secretas não fossem reveladas.

Na luz enviesada, Ward observou as fibras de vidro que compunham as laterais do grande tanque centralizado no quarto e percebeu, em fulgores discretos, os fios de ouro entrelaçados em sua estrutura.

Agora que reparara no aquário semicheio, era impossível ignorar a presença que nele habitava. Sua existência era entregada pelo chapinhar aquoso e nauseante de carne batendo em água rasa e pela fragrância da mistura de substâncias conservantes na solução em que flutuava, queimando as narinas como formol. Ward sentiu nojo, mas o acender de uma tela sobre o tanque, alta o suficiente para que não fosse possível vê-lo, o distraiu.

A silhueta escurecida da Unidade surgiu com um clique, acompanhada de seu fundo resplandecente e do olho em formato de delta. Ward viu os cabos que subiam pela parede e se conectavam à superfície milimétrica em que a imagem era projetada e os seguiu até a base do

reservatório de vidro. A voz dupla e reticente ressoou e o garoto comoveu-se uma vez mais:

– Seja bem-vindo... Ward de Cox e Royce... A Unidade deseja... seus votos de confiança... mais profundos... e que nessa visita inicial... possamos construir a ponte... para sua União... Deseja falar?

– S-sim – gaguejou o menino – desejo. Gostaria de agradecer a oportunidade de conhecê-los e garanto que minha determinação é renovada pela simples conversa que temos.

– Ficamos felizes... em ouvi-lo... Nós que somos Muitos... e somos Um... observamos seu crescimento... e garantimos que o Plano... lapidará a gema bruta que é... em uma inigualável joia...

– Eles são um! São um só! Um que comanda muitos!
– uma voz infantil cortou o diálogo entre a entidade e o menino. O chacoalhar de brinquedos a acompanhou.

Ward não pôde resistir e olhou na direção de sua origem para descobrir uma criança sentada no chão. Parecia ser mais nova que Abby, mal saída das fraldas e cercada por bonecos que andavam, apitavam e brilhavam.

– Quem é v-...ela, Unidade? – Ward lembrou-se de que apenas deveria falar com os Diretores e com mais ninguém.

- É... para você uma prima... para Nós... é neta-filha-irmã-prima... e é também... uma certeza...

- Certeza? Como assim? Ela mal tem cinco anos, não?

- Tem três anos... e é certa... Sua União virá sem dúvida... quando completar dezessete...

A inveja queimou no esôfago de Ward com a presença da inalcançável rival. Como era possível que desde os três anos de idade a União de alguém já fosse certa? Ela poderia torrar ou ser displicente com seu Plano... muita coisa poderia dar errado. E o pior: se ela era uma certeza, por que ele não era também?

- O Plano não a envolve... seu destino foi visto por Delphi... é inegável...

Outro golpe na autoconfiança de Ward foi desferido de maneira certa. A montanha que o separava de sua prima já era enorme, mas da Unidade? A entidade respondera sua questão sem que ele a dissesse. Poderia ler pensamentos? Mas de uma maneira real, não como o sensor de têmepra e seus testes programados faziam. Seria só uma capacidade de raciocínio inigualável gerando uma margem de acerto enorme para previsões certas?

Sentindo-se frágil e pequeno, Ward verbalizou um desejo irrealizável:

– S-será... meu pai encontra-se aqui? – ele pediu em um muxoxo cheio de esperança infantil.

– Silas de Trapper e Royce... é Unido a Nós... sim... mas não pode... lhe falar... somos Muitos que são Um... Não é possível... separar...

O fala soou como o repicar de um sino aos ouvidos de Ward. A reticência era central na fala da Unidade, como se várias pessoas pensassem antes de verbalizar as palavras. No entanto, o desapontamento de não poder conversar com o pai nem lhe chegou a mente, pois algo muito mais estranho ocorreu.

Com o fim do reticente conversar, o rosto do oráculo do Conglomerado Delphi foi derretido em estática e chiado e, por um breve momento, uma face livre de sombras apareceu no *display*.

A pele era vincada por rugas de expressão e velhice que marcavam o cenho franzido como o dos executivos-coluna, o entorno dos lábios, os pés-de-galinha e o alto das maçãs do rosto. Seu bigode era cinza no centro e escuro nas pontas, seus dentes eram levemente tortos e manchados e os olhos eram pretos como carvão, resolutos e sólidos.

O estranho era que cada detalhe torto, cada marca, mancha, pinta e ruga parecia artificial, como se alguém as

tivesse colocado ali com paciência calculada no propósito de compor uma figura vetusta, humana, distante e ao mesmo tempo com que se pudesse relacionar. O rosto velho e artificial era o de Dalton Royce.

A face do primeiro unido vacilou, tremeu e sumiu em um retângulo preto em meio segundo, mas Ward o viu. Em seu lugar, uma série de alarmes vieram dos monitores acoplados ao corpo escuro da Unidade e a frequência cardíaca disparava e recaía sem ritmo algum. No caos, a priminha Sybil pôs-se a imitar os marcadores descompassados do coração da Unidade e a gritar, com risinhos:

– Eu te disse! Eles são Um! São Amálgama e são Um! Inseparáveis em corpo e em vontade! Só um que comanda muitos!

Uma equipe de médicos escoltou Ward e Sybil para fora da câmara mais alta de Roycestadt e o cheiro de queimado, como se pensava ser o que escapava dos ouvidos de alguém que tivesse torrado, trouxe náusea à garganta e ao estômago do garoto. Ou talvez sua causa fosse outra.

Talvez fosse o breve *flash* de imagens absorvidas por Ward quando, na confusão dos alarmes, ele havia cruzado a linha preta que dividia o espaço permitido e o proibido.

Ainda seguro pelo véu de luz indireta, o corpo dos Diretores não fora inteiramente apreendido, mas os fragmentos de carne aglutinada, pele solta e inchadas massas de gordura davam ao apelido de Amálgama um tom correto.



PARTE 3

Três anos somaram-se aos doze de Ward e arrastaram-se na monotonia do Plano. Seus esforços para alcançar a excelência foram enfraquecidos; ele não mais se arriscava em sessões clandestinas de exercícios aos domingos e raramente a Culpa o encontrava com sua pressão submarina, pois aquilo que confrontara na câmara de Amálgama ressurgia de suas profundezas, tal qual uma besta bíblica que emerge das correntezas e ondas do mar com aterrorizantes sugestões.

O Medo havia sido transmutado. Suas correntes que apertavam os pulmões, o peso, que como chumbo sobrecarregava o peito e fazia encurvar a postura, já não eram mais forjados da perspectiva de falha, mas, sim, do obscuro e fugidio metal de que também era feita a Dúvida.

A Dúvida, por sua vez, era cheia de implicações e não mais produzida pelas expectativas de fracasso, pois as chances de Ward, depois de ser convidado a visitar a Unidade, haviam sido estabelecidas em alturas de confortável segurança. Os discretos sussurros dela rastejavam na forma de pensamentos dormentes que durante o dia se empilhavam, preenchendo os sulcos de seu cérebro em um lento gotejar, e, de repente, tornavam-

se conscientes, criando a brecha para o avanço do eixo M-M-D.

Na nova trindade profana, a batalha era diferente e havia dado luz a um opositor formidável ao descanso de Ward. O primeiro ataque era geralmente o mais efetivo dada sua concretude: formado de um esquadrão de seis memórias que invadiam de armas em riste e canos fumegantes, livres de dó ou de piedade. Participavam dessa equipe de soldados insensíveis às flutuações do Lete: o frio repentino que eriça os pelos encontrado nas profundezas de uma tumba; o empapucar vindo do gosto acre de conservantes no ar; o chiado intenso e irregular que salta de uma imagem em estática cinza, branca e preta; o cheiro de queimado produzido pelo encontro de fios recém desencapados com água; a repetição incessante de carne, pele e gordura chapinhando na umidade e no fundo da insurgência, em posição de comando; e a repetição incessante de um coração descontrolado.

A segunda invasão era *blitzkrieg*, guerra relâmpago, renovada e sentida na pele como a respiração entrecortada, a subida da bile, a enxaqueca que ameaça partir o osso da testa, o suor frio que escorrega pelos membros e traz arrepios rebeldes e a certeza esmagadora de que não há mais esperança, de que tudo foi perdido.

O passo final era a guerra total, que se iniciava após as fronteiras dos portões de osso e marfim do sono, e impediam o descanso pelo desenrolar de sonhos inquietos e febris, pesadelos de tormento que engrandeciam a energia do destacamento hexagonal, convertendo seus componentes em imagens nítidas e de significado profundo.

Ward via-se em coxias veladas por cortinas, diante de uma montanha de apêndices e músculos articulados em desarranjos que manipulam as cenas de um palco que a esconde e controla todo o desenrolar de eventos: dos casamentos aos nascimentos, de quem morre a quem parte e que papel tem cada personagem na estrutura intrincada da peça da vida que ali é retratada.

O culminar do sonho é a entrada de Ward no palco e seu final é variável: por vezes, ele acaba com seu coração perfurado e arrancado do peito e, nas que mais lhe dão medo, a cortina dos fundos abre-se somente para ele e, na contemplação total daquele colosso amontoado, é obrigado a fundir-se à pulsação quente de seu interior. Os sonhos que mais incomodavam a Ward, porém, eram os que envolviam a pintura de resina e tinta que recontava a trajetória dos Royce.

Em uma sala vazia, o garoto, sempre de pijamas e envolto de uma brancura perfeita, só podia observar enquanto o momento capturado de maneira tão bela era tocado por uma faísca em seu topo esquerdo. A chama produzida pelo encontro se alastrava e devorava qualquer traço de destino e orgulho, de ponta a ponta, de Tintoretto a Van Gogh, do arco e das peles aos fios saídos do delta. Nas noites dos sonhos de fogo, Ward acordava em lágrimas, incapaz de refrear suas emoções e tomado pela saudade de algo desconhecido.

Sua sorte era que as amarras existentes nos bancos de dados virtuais e físicos do Conglomerado Delphi, em múltiplas cópias assinadas e rubricadas, que seguravam cada um de seus pares de axônios e dendritos, mantinham-se firmes até o fim da vida. Ward sem dúvida não pensava nisso como boa fortuna, mas mantinha-se agarrado a elas como elas agarravam-se nele, pois, sem nem mesmo sabê-lo, largá-las significaria largar tudo que tinha.

Sendo assim, não cruzava seus pensamentos qualquer hipótese do abandono de seu dever, tamanha era a complexidade dos nós que se formavam na trama de seu coração, capaz de resistir com dignidade a qualquer trindade que lhe tentasse abalar.

Dignidade, no entanto, não se iguala a infalibilidade. Os nós singelos e mal apertados, que antes correspondiam a fatos da narrativa de Dalton Royce e suas façanhas, foram aos poucos desenrolados pelos tormentos constantes de Ward.

A Unidade e a Amálgama chocavam-se em suas ideias e a primeira se esfacelava aos pouquinhos, pois sua outra face era ainda nebulosa e malformada na mente do rapaz e, portanto, elusiva, impossível de capturar. Como a lâmina d'água que, pela insistência em pressionar limites, abre fendas na rocha que a cerca.

Era nessa abundância de determinações e oposições que Ward levava cada dia e não era difícil acreditar que um dia acabaria enlouquecido. Não eram raras as vezes em que o rapaz se surpreendia por não estar incomodado com o passeio dominical em que sua mãe insistia, e por gastar cada vez mais tempo nas corridas em pistas de cascalho próximas a sua casa, absorto na ausência de pensamento.

As escolhas ativas eram mais que desnecessárias e ele se deliciava em um momento de paz até que o crescente martelar de seu coração, o tambor que parece tocar direto nos tímpanos, fazia fibrilar o impulso elétrico que evocava a arritmia dos monitores e alarmes na câmara escura de Amálgama.

Foi numa dessas seqüências de giros acumulados e sem separação que Ward encontrou sua prima pela segunda vez. Sybil tinha agora seis anos de idade e passeava com seu pai pelo calçadão de concreto da largura das antigas avenidas, anteriores à revolução do transporte.

Ao ver o rapaz correndo, puxou o homem pela mão que segurava a sua e só parou quando pôde alcançar a pista. Quando ele se aproximou da curva em que ela esperava, descansou.

– Você ainda não percebeu, né, primo? – disse com seus risinhos já levemente menos agudos e um par de pedrinhas negras em suas mãos, recém catadas do chão.

– Sybil? Você cresceu bastante, não? – ele suave e não se aproximou da menina, pois a impressão que restava dela era de estranheza e de queimação no esôfago – Mas o que foi que não percebi?

– O padrão, primo! O padrão! – dessa vez as risadas foram acompanhadas de estalidos produzidos pelo chocar dos fragmentos de brita.

O pai de Sybil interveio, sério e constrangido, com um pedido de desculpas pelo transtorno causado por sua filha. Como Ward sabia, ela não precisava seguir o Plano, portanto, conforme explicou o homem, era difícil que

compreendesse que outros o faziam e como a atividade física regular era importante em sua execução.

Ward aceitou as desculpas sem nem pensar e ficou imóvel, com um pé na brita e um na grama do canteiro, enquanto sua língua percorria a cicatriz deixada pelo findado morder nervoso de seu lábio. Ao fazê-lo, constatou que sua prima ainda se lembrava de como a pulsação descontrolada se dera naquela noite na antecâmara.

A próxima vez em que Ward pensaria no que sua prima dissera seria no domingo seguinte a esse último encontro.

Ele, Jenna e Abby passavam pela estação do Andar VII e um noticiário que passava em um dos inúmeros telões alçados nas fachadas de edifícios lhe chamou a atenção. Em um cenário austero, com uma mesa limpa e uma dupla de cadeiras, o fundo composto por um canal escuro ladeado por ruas elevadas e cruzado por uma ponte de pedras, uma âncora de jornal transmitia um fragmento de notícia que pouco interessava a Ward.

No entanto, houve um apagão na superfície transparente do telão e os raios de iluminação da Unidade estenderam-se um a um como holofotes distantes. Do vértice em que suas pontas inferiores se uniam, hexágonos

negros tiveram suas fronteiras formadas, preenchidas e, separadamente, foram rearranjados a partir do centro, em uma sequência espiralada que, ao ser encerrada, compôs o rosto encoberto da Unidade. O delta veio em seguida, azul turquesa e resplandecente, pontuado por sua pupila branca.

Foi nessa procissão de pecinhas que Ward retomou suas especulações sobre de que padrão sua prima falava. Era algo diretamente relacionado aos Diretores que formavam a Unidade? Algo a ver com a forma e a ordem em que foram feitas as Uniões e as pessoas escolhidas para fazê-lo? Sybil lhe dava dicas para garantir que fosse elevado? O número de possibilidades era de atordoar e talvez fosse impossível saber o que ela queria dizer sem que houvesse pista alguma.

A solução, contudo, veio por acaso, quase que por acidente, e todas as revelações e deduções inesperadas acontecidas durante o aprendizado de conteúdos empalideceram fórmulas de aritmética, conclusões filosóficas e adivinhações dos finais dos romances de detetive que Ward lera em tentativas de aprender a investigar mais profundamente o mistério de Sybil.

Era o fim da primeira metade do ano e poucas semanas faltavam para o seu aniversário de dezesseis anos.

Porém, ao invés de concentrar-se em comemorações, Ward, com a ajuda de Watson – sua inteligência artificial customizada de auxílio aos estudos –, virava e revirava técnicas de criação e quebra de códigos e de reconhecimento e análise de padrões. Havia alguns dias que o rapaz estava enfiado na tarefa, mas nada parecia adiantar sem que possuísse o código em si. "De nada adianta a chave sem a tranca!", pensava nos intervalos.

A solução para o enigma de Sybil, dado há quase meia década, foi encontrada devido à insistência de Ward em solucioná-lo. O monte feito de informação bruta, construído pelas tentativas frustradas do rapaz, por todos seus erros, foi o que permitiu sua tardia vitória.

Watson articulava suas pesquisas pela internet quando deu de encontro com uma forma rudimentar de codificação de mensagens. Fora muito usada para transmitir comunicados através de grandes distâncias quando ainda não existia telefone ou rádio, através do telégrafo.

Seu nome era Código Morse e funcionava da seguinte maneira: cada letra do alfabeto é representada com uma quantidade de “pontos”, sons curtos, e de “traços”, sons arrastados, formando combinações dos dois

para formar palavras. A consciência desse código foi o seixo que permitiu ao corvo de Esopo alcançar a água.

Ward começou a fazer testes, batendo sobre o topo rígido e fosco de sua escrivaninha. Ele treinava o código com frases como “três pratos de trigo para três tigres tristes” e “o sábio sabia que o sabiá sabia assobiar” sem tropeço algum, já que não havia necessidade de sua língua andar, sendo apenas limitado pela demora em aprender como cada letra soava. Na repetição sem cessar de pontos e traços, com o volume aumentando de acordo com a empolgação do rapaz, Jenna Cox-Royce invadiu o quarto e gritou:

– O que é isso, menino?! Parece a máquina de lavar travando sem parar quando não tem água entrando pelo cano! Chega disso!

Ward parou, mas não devido ao ralar. O achado havia pegado o garoto pelos calcanhares, levantado no ar e dado um chacoalhão. A insistência de sua prima na existência de um padrão, suas recordações da visita à câmara da Unidade e o código composto de sons quase indiferenciados chocaram-se em sua cabeça e Ward não pôde deixar de notar o que as unia.

Em seus retornos oníricos ao quarto mais próximo do céu de Roycestadt, sua audição era sempre refém do

sufocante ir e vir entre o trote e o galope do coração de Amálgama durante o momento de desespero de seu episódio. No dia em que a memória fora gravada, Sybil havia acompanhado a arritmia com um brinquedo, batendo seus sons intercalados em pontuais e arrastados movimentos. À beira da pista de brita, o mesmo acontecera: o som de pontos e riscos trocados por dois pedacinhos de cascalho batendo um contra o outro.

O que restava ser feito para que o mistério fosse desvendado era um passo dos mais aversivos, mas que seria dado quisesse Ward ou não. Ele deveria enfrentar as hostes que acampavam por detrás de seus olhos fechados e usar de seus sonhos para lembrar com exatidão os pulos e tropeços do vacilante palpitar cardíaco.

Esse ruído sempre preenchia seus ouvidos quando sonhava, então não deveria ser difícil anotá-lo logo que acordasse. Após perceber o que devia fazer, Ward parou de bater na escrivantina e disse:

– Desculpe, mãe, mas esse batuque vai ter que ficar por mais alguns dias... é parte dos estudos, sabe?

Jenna não verificava cada e todo conteúdo do Plano de Ward e, por isso, não pôde duvidar totalmente do filho. Ele era sempre tão sério. Quem sabe não fosse somente um sintoma de estresse? Ela conversaria com a Dra. Grover,

sua psiquiatra, em uma próxima consulta. Mais tarde pediria que Ward também mencionasse a batucada em seu próprio horário e diria que não precisava esconder suas dificuldades dela, pois estava ali, como sempre estivera, para ajudar.

Parecendo desnecessário continuar a pressioná-lo, a mãe saiu do quarto depois de incentivar que seu filho continuasse resoluto. O rapaz prosseguiu com os estudos programados para o dia até o horário do jantar e, depois de comer muito pouco, dormiu.

δ

Ward despertou na meia-luz da madrugada, com os lençóis grudados em seu peito encharcados de suor causado pelos pesadelos.

Piscando pesadamente, com a boca cheia de saliva amarga e ressequida, sentou-se na cama e anotou, no microcomputador em *standby* no criado-mudo, cada nota do *looping* codificado que se esvaía com o despertar como a névoa noturna perante a aurora quente.

Watson foi ligado e esperou algum comando. Seu mestre encarava a confusão de pontos e traços e batucava

com a ponta do dedo indicador no tampo do móvel. Como não houve ordem, perguntou:

- Deseja saber a solução do código, senhor?

- Espere um pouco, Watson... estou tentando resolver de cabeça, daqui a pouco comparamos nossos resultados.

Ward batucou a sequência mais algumas vezes e, depois de parar e pensar por um tempo, falou com a inteligência artificial:

- Vamos, no três. Um, dois, três...

"É calmante e castanho. Venha por Alana." disseram os dois, humano e computador, em uníssono e com as mesmas pausas.

Ward coçou a cabeça, sonolento, e riu. Não fazia ideia do que a mensagem significava e agora se sentia ainda mais longe de resolver o mistério. A única ideia nova era o aparente envolvimento de sua tataravó, Alana Royce. Mas o que poderia ser, não saberia dizer. Sua União fora a primeira e a mais bela, mas algo não cheirava bem. Resolveu pesquisar um pouco, enquanto o ânimo da solução permanecia.

Como o código dizia para "ir por Alana", a dupla presumiu que revelava uma localização. Após alguns arrastados minutos e as voltas pela internet mais efetivas

que Watson pôde dar, descobriram um café antigo, passado por algumas gerações de moradores de Roycestadt chamado Brown Lullaby, o que parecia caber nos requisitos: um lugar que poderia ser descrito como calmante e castanho.

O que intrigava o garoto era como tinha sido fácil encontrar o lugar, que tinha uma página nada escondida na rede mundial, e como tamanho descuido teria sido tomado em um assunto tão importante, pois mesmo a charada havia sido simples de quebrar. Se é que era de tamanha importância.

Até onde sabia, Ward podia ter sido pego numa incrível cadeia de coincidências, entre as fantasias de uma criancinha doida e um padrão acidental que na verdade nada significava. A única maneira de se descobrir era indo ao café, em nome de Alana. O Brown Lullaby ainda funcionava e encontrava-se três Andares para baixo da casa dos Cox-Royce.

δ

Ward só se sentira tão deslocado como no Andar IV quando estava na sala da Unidade, em contato direto com algo muito maior que si e esmagado pela perspectiva.

Excluindo esses dois momentos, sempre pensara em si mesmo como uma bem oleada e perfeitamente encaixada peça do sistema, sem travamentos, sem dentes e partes gastas, girando e girando, só parando quando pedissem.

Os últimos anos, é bem verdade, lhe deram a ideia de que não o empregavam para as funções que podia desempenhar melhor, talvez pudesse ser realocado, mas, no âmbito maior das coisas, ainda se via em seu lugar.

A descida de Andares não era comum salvo para funcionários de fiscalização, logística de mantimentos e policiais. Mas não era proibida, apenas algo que quase nunca era pensado, pois a normalidade era o impulso de, em uma geração seguinte de sua família ou – nos casos mais célebres – em sua própria vida, subir de Andar.

Durante a descida, o contraste crescia entre a assepsia, a rigidez e os corpos tão ativos quanto obras de natureza morta, tal qual zumbis de plástico perdidos entre a rotina dos Andares de VII a X, o cheiro do salgado, do doce e do defumado de carrinhos de comida, da sujeira nas esquinas e becos, as cores fortes, mais escuras e ricas, e as pessoas andando em desordem, por corredores, praças e largos apertados, lotados e repletos de uma tensão palpável dominou os sentidos de Ward.

Ele sentia que deixava a lagoa em que era um peixe grande e encontrava o rio que levava ao mar.

Ward amou a diferença com uma certa tremedeira de expectativa e teve vontade de ficar, de ver a vida desdobrar-se como ela é com os próprios olhos, de cheirar seu perfume humano, de sentir seu carinho morno na pele, de provar seu gosto agri-doce e de assistir a sua dança fervente e prazerosa.

Contudo, o sentimento foi passageiro. O rapaz logo percebeu que apenas sentiu vontade de ver acontecer, à distância, e não de se envolver. Essa hesitação não vinha da timidez, da soberba ou do receio, mas de um poço mais profundo.

Sua origem era o crochê de fios vermelhos que envolvia seus átrios e ventrículos e que controlava seus membros, suas sensações, suas noções, suas motivações e suas escolhas. Ele não podia escolher uma mudança de curso, porque quando nascera alguém já escolhera por ele, traçando seu caminho como uma estrada de mão única pavimentada pelo patriarca elevado que levava ao corpo dos Diretores. Ele era uma engrenagem bem oleada e não podia ser separado da máquina.

Esse entendimento de sua própria condição falha – ainda que nublado – afundou goela abaixo, doído, e foi

digerido em resolução renovada, na esperança que no café fosse encontrada a chave para a mudança e não somente a revelação de uma coincidência ingrata.

A fachada do Brown Lullaby era simples, de concreto escurecido pelas horas, dias e anos passados desde sua abertura, e antiquada, proveniente de uma época em que o plástico, o vidro e o carbono não eram os materiais mais recorrentes nos esqueletos dos edifícios.

Suas portas eram duplas, de vai e vem, emolduradas por uma madeira velha e cheia de farpas e com o seu meio ocupado por um painel de vidro com o logo do estabelecimento em um contorno fosco. Abaixo do letreiro em *neon* cor de âmbar, uma xícara de café com espuma marrom, de aparência doce e cremosa, decorava o batente das portas.

Seu interior era quente, ocupado por cadeiras e mesinhas de metal prateado, de chão de madeira e preenchido pelo aroma de grãos torrados e pelo gorgolejar de cafeteiras antigas.

Ward aproximou-se do balcão e encarou o homem por trás dele. Gary Roberts, como informava seu crachá laminado, era alto, careca na frente da cabeça e de braços e peito largos. Seu avental era salpicado de diversas manchas amarronzadas e suas mãos apoiavam-se na

beirada do balcão com um pano amarrotado entre eles. Com um vozeirão grave, mas descontraído, constatou:

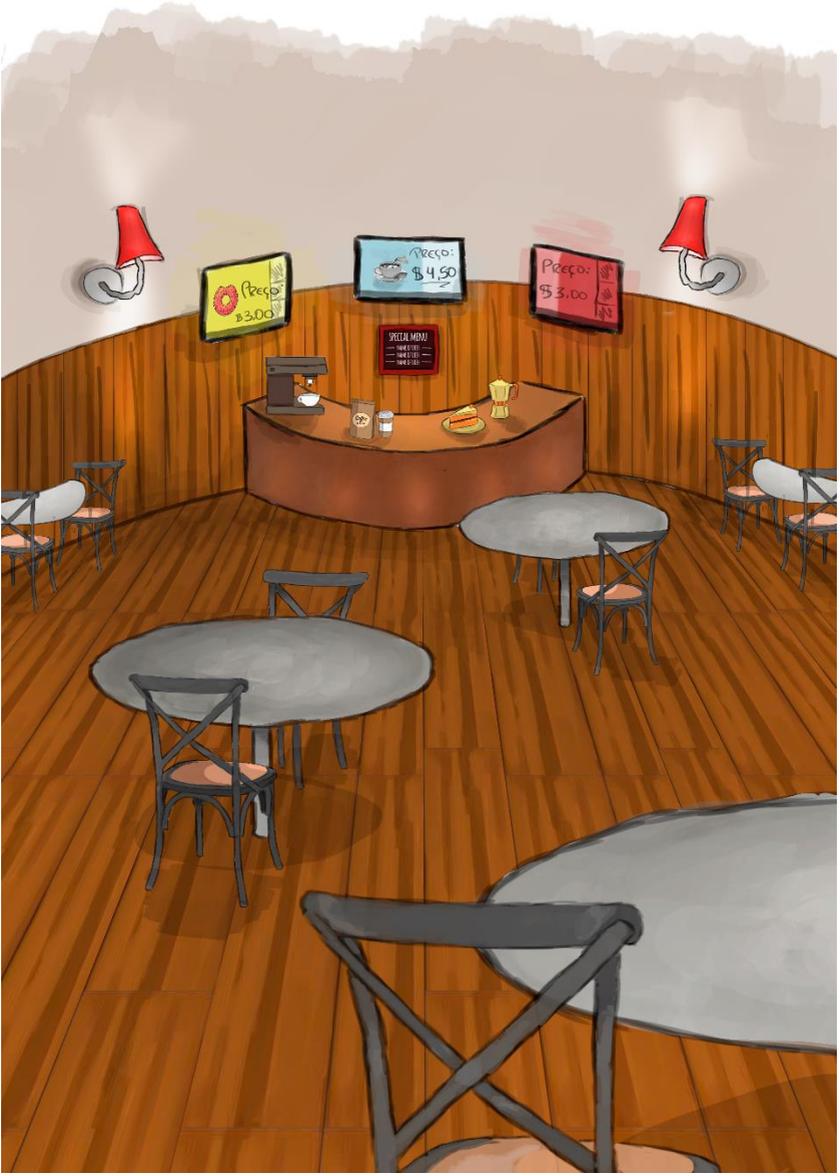
- Cê não é daqui, garoto. Tá perdido?

- Não, não sou daqui, mas também não estou perdido - Ward respondeu nervosamente, temendo estar no lugar errado ou passar por algum idiota caso nada houvesse para ser achado.

- Bom, se não tem problema um riquinho dos Andares altos estar por aqui, manda ver! Que cê pede? - Sua expressão não se suavizou, ainda travada na suspeita cultivada em lugares em que assaltos e abordagens piores eram uma realidade.

Ward olhou para cima, para o menu digital que oscilava sobre as máquinas encostadas na parede. Ele conhecia algumas das bebidas da máquina pois também as tinha em casa, mas a maioria era um mistério. Ele apontou para "um daqueles" e emendou em seguida:

- Mas, na verdade, e-eu... eu vim por Alana. - A hesitação sumiu na metade final de sua fala e ele encarou os olhos coloridos de Gary, produtos de alguma cirurgia muito delicada responsável pelas faixas de cor que cruzavam suas íris.



O balconista devolveu o olhar, mas a sua expressão foi tomada pela surpresa ao fitar as pedras argutas e negras que eram emolduradas pelo cenho de Ward.

- Ahn, bem... é... Claro, é claro. Alana, sim. Venha aqui, cara, pros fundos.

Em cima da mesa havia uma espécie de projetor arcaico, com uma tela da espessura de algo como dois centímetros, com teclado e reproduzidor de mídias embutido, bem como um fio fino e arredondado que o conectava a um soquete de tomada cheio de adaptadores para que os formatos de entrada e saída coincidissem.

Gary havia inserido um quadrilátero de plástico cinzento numa entrada lateral do aparelho e Ward havia reconhecido o dispositivo como um *pendrive*, embora nunca houvesse usado um daqueles.

O rapaz tentou percorrer a tela com seu olhar para que suas funções fossem ativadas, esquecendo da idade da máquina, mas o balconista usou o *mouse* ao lado e acessou os conteúdos da unidade de armazenamento.

Um *display* de vídeo apareceu na tela de repente e manifestou-se em apenas duas dimensões.

Gary saiu do quartinho dos fundos, isolado pelo maquinário barulhento de aquecimento, geração de energia e encanamento de água, sob o pretexto de que não desejava rever aquelas imagens outra vez, pois o impediam de tomar café por alguns dias.

O vídeo começou e Ward identificou a filmagem de um experimento científico. A resolução era alta, levando em consideração os avanços feitos do momento de sua ocorrência até o atual, e um grupo de homens e mulheres vestidos de jalecos brancos rodeava um tanque semitransparente cheio de água.

À beira do tanque havia um senhor em uma cadeira de rodas, outro de bigode cinza chamado Dalton Royce e ao seu lado havia uma mulher em pé, muito mais nova que ele, nervosa e cheia de tremeliques, com os olhos marejados. Ela balançava a cabeça de um lado para o outro, em negativa e gritava:

– Dalton, pelo amor de Deus, já disse que não quero participar disso! Você tem que me deixar ir! Os papéis do divórcio já estão assinados, seu escroto! – Havia uma estranha firmeza em sua voz, apesar da declarada ansiedade.

– Não fale assim, querida. – A voz de Dalton saía macia e carinhosa, como se nada de ruim pudesse acontecer, mas seus lábios se encurvavam em malícia – É assim que ficaremos juntos para sempre, sem empecilhos, como sonhamos desde que nos conhecemos. Nada de abandono, nada de traições.

O choro de Alana Royce confundiu-se com a risada divertida de seu captor. Ward não pôde deixar de sentir empatia pelo horror da mulher, aflito com as revelações sobre o homem que há tanto idolatrava.

– Comecem a União, meus confiáveis cientistas. – Ele abriu os braços sem muita energia, provavelmente auxiliado por servo-motores artificiais, abrangendo todos os cientistas num gesto único.

Os homens vestidos de jalecos passaram a conectar vários fios aos reservatórios de líquidos coloridos ao lado do tanque, bem como às máquinas cheias de ventosas, eletrodos e garras que os acompanhavam.

Dois seguranças tomaram os braços de Alana e seu choro aumentou, ecoando em gritos desesperados e na aflição crescente do garoto que a tudo assistia. Ele cobria sua própria boca, como se tentasse conter seus berros.

Agora despido, apoiado e levantado por outro homem, Dalton pediu à sua refém:

– Vamos lá, minha querida, dê-me um beijo de boa sorte, hein?

Sua ex-esposa recusou-se com altos "nãos" e foi aproximada do senhor pelos seguranças que a continham. Quando tentou mordê-lo, ao invés de beijá-lo, um deles segurou suas bochechas com uma mão enluvada e a

afastou. A face de Dalton contraiu-se em desgosto e desprezo e, com um agitar limitado das mãos, deu a ordem para prosseguirem.

Ele foi prontamente colocado dentro do tanque, sentado com água batendo em sua cintura. Alana foi amarrada e posta na mesma situação, embora se agitasse em tentativas inúteis de fuga.

Respiradores foram colocados sobre as faces de ambos e uma tampa fechou o tanque. Os líquidos infiltraram a prisão de acrílico e fundiram-se à transparência, criando o suco que Ward vira de relance na câmara da Unidade, repleto de nutrientes e conservantes. As máquinas então passaram a agir, pressionando e juntando os dois seres humanos com uma força irresistível. Mesmo que todos carregassem expressões relutantes, um dos cientistas anunciou:

– Insiram as nanomáquinas de desconstrução e rearranjo.

Por um tubo localizado no topo da cobertura plastificada do tanque, uma torrente parecida com piche fluiu e preencheu o restante de espaço interior. Seu conteúdo agitava-se com violência, todo movimento proveniente do último fôlego de resistência de Alana Royce.

Ward queria acreditar que não a tivessem dopado devido a alguma restrição do processo, e não por simples crueldade.

À medida que o piche a cercava, partes dela eram dissolvidas e absorvidas para então serem rearranjadas e isso era percebido por Ward através de *flashes* de branco de seus ossos e do vermelho de seu sangue. O mesmo ocorria com Dalton e os gemidos desesperados de ambos eram abafados pelas máscaras de oxigênio.

O negrume foi se gastando enquanto o processo se alongava e em poucos minutos tudo que restava era o líquido nutritivo de cor ácida de poucos momentos atrás. Quando a tampa foi levantada, o rapaz que observava a transmissão não pôde mais segurar a ânsia e vomitou sobre os pés um jato viscoso e incolor, livre de restos de comida, pois não havia almoçado em sua pequena fuga de casa.

Na solução contida pelo acrílico via-se um corpo de gêmeos siameses, mas era fácil constatar que cirurgia de separação alguma seria efetiva. Segmentos inteiros de membros encontravam-se em conjunção, fundidos até o osso, e podia-se enxergar os pontos em que fibras musculares entrelaçavam-se.

Os dois, que agora eram um, jaziam em posições fetais espelhadas, um de frente para o outro e, onde suas testas deviam tocar-se, encontrava-se um diagrama de Venn em seus crânios, com a área que dividiam somando quase metade de cada um de seus cérebros.

– Iniciar projeção de consciência. – disse o cientista-chefe do projeto.

Os eletrodos que haviam sido deixados de lado foram postos em uso e ligados à enorme cabeça dividida, enquanto o corpo de Amálgama se debatia em desespero. Três olhos e meio revirando-se em direções diferentes e sua bocarra dupla incapaz de articular qualquer discurso dotado de sentido. Os sinais de seu cérebro composto foram transmitidos pelo feixe de cabos para a tela no alto da parede na traseira do tanque.

Imagens incoerentes, cores estremecidas, berros e gemidos inconstantes e a estática já conhecida por Ward foram projetadas por cinco minutos acompanhados de tentativas infrutíferas por parte dos doutores de consertar a situação. Quando o corpo da infeliz aberração, produto da crueldade e da cobiça, parou de se agitar, a imagem consolidou-se. Era a mesma projeção de Dalton Royce que seu tataraneto encontrara há alguns anos.

– Tudo está bem, meus colegas. Agora somos um!

Ward encarava a tela em preto incapaz de acreditar no que vira. Sua impressão era de que um tremor enchia a sala, seu epicentro era aquele computador, e espalhava-se para dentro do Brown Lullaby, para então estender suas garras pelo Andar inteiro e depois descer para o III, II e I e, então, alcançar os seis andares restantes de forma que toda Roycestadt caísse sobre suas cabeças.

O vídeo havia se transformado em faca e cortado o emaranhado de histórias que se aninhava no âmago do garoto e, tamanho era o envolvimento entre os fios e o órgão que, este ainda cheio de vida e batendo, havia sido levado junto.

Gary achou um Ward preenchido pelo Vazio, despejado de qualquer importância ou vontade e com as maçãs do rosto regadas pelas lágrimas conjuradas do sonho em que a tinta e a resina são queimadas, agora consciente de sua fonte. Nas noites em que chorava de saudades, o rapaz enlutava por seu destino roubado.

– Sinto muito, cara... – Desculpou-se o proprietário do café. – Eu sei como é. Dalton Royce é um monstro saído da casa do caralho.

Ward olhou para ele. Suas pedras argutas e negras haviam sido transformadas em duas poças turvas, manchadas pela incerteza e pela tristeza. Eles voltaram ao

café e Gary pousou na mesa marcada o chocolate-quente que trouxera e não tentou consolar o garoto.

– O que você vai fazer com o que aprendeu aqui não é do meu interesse, cara, mas espero que faça algo de bom. Você parece alguém mais capaz de causar algo importante do que eu, que não tenho porra de poder nenhum, enfiado num buraco desses. Se eu fosse você, subiria pra porra do Andar XI ou qualquer coisa assim de que cê veio e levaria o inferno comigo.

O tataraneto desiludido de Dalton secou suas lágrimas com a manga da camisa e sorriu debilmente para Gary, que se assustou com a fúria gelada que encontrou no rosto do rapaz. Ward, depois de uma série de inspirações e expirações entrecortadas, disse:

– Como foi mesmo que você encontrou esse vídeo? Digamos que é meio suspeito você guardar a sete chaves as respostas para todas as minhas perguntas, somente esperando pela combinação certa de palavras para soltá-las ao mundo.

– É, falando assim, é muito estranho. Acontece é que eu consegui o vídeo do meu pai e ele conseguiu do pai dele.

– Vocês são um culto criado para a derrocada da Unidade ou algo assim? Golden Dawn, Rosa Cruz ou Maçons?

– Não, porra, nada disso. Meu avô foi amigo do filho de Dalton e Alana Royce, sabe? Roderick Royce. E o cara ficou puto quando soube do que o pai fez com a mãe, roubou o registro, confiou no meu avô pra guardar o arquivo em segurança e disse que se alguém viesse aqui falando que veio pra ajudar a Alana, era pra gente mostrar o que sabia. Ele deve ter morrido no país pra qual fugiu, ou no caminho até lá, morto por capangas do próprio bigodão, se foi pego.

Convencido pela história, talvez mais por tudo que havia presenciado na câmara da Unidade e pelo aglutinamento de implicações e suspeitas, Ward começou a se reformar, pronto para traçar um curso de ação.

– Ok, justo. Eu não tenho como descobrir a verdade sobre isso, então vou confiar nesse instinto crescendo na minha barriga. Vamos aos negócios: você me emprestaria algum dinheiro? Preciso de notas.

Gary demorou a responder, confuso com a banalidade da resposta.

– Dinheiro? Pra quê, caralho? Você não é rico? Usa seu *credstick* ou qualquer merda dessa!

– Acontece que eu não posso. O pessoal lá de cima – e ele apontou com o dedo em direção ao teto, como muitas pessoas o fizeram para referir-se aos deuses – já vai olhar

com suspeita a minha descida até aqui. E com o que eu pretendo comprar – e riu, incrédulo – metade do Banco Delta vai pirar ao ver meu extrato!



PARTE 4

Ward tinha certeza de que seria chamado para a União em algum momento, afinal, suas avaliações estavam em alta histórica, maiores do que em toda a vida, mesmo que nos anos em que a maravilhosa utopia de Dalton Royce era o que o impelia a ir em frente.

Isso dava-se porque o Vazio não lhe deixava mais opção alguma. Sendo assim, preparações foram feitas.

Não havia notícias da nova trindade profana desde a tarde no Brown Lullaby, pois o roubo de seu coração e a fenda deixada no lugar havia afugentado qualquer Medo. Já que todas as cartas haviam sido jogadas sobre a mesa, um fim foi dado aos ventres cheios das implicações onde nascia a Dúvida. Na ausência de quem a alimentasse, a Melancolia tornara-se um bicho mirrado, capaz apenas de manter o humor de Ward em um constante vale, dentro do qual não se enxergava a encosta de montanha para se escalar e tocar o céu azul.

O grande problema era, realmente, o Vazio. Ele não era um buraco negro que a tudo devorava, mas somente, um buraco. Ele não fazia doer, não fazia chorar, não picotava a respiração e não fazia nada parar nos trilhos. Esse furo permanecia ali, quieto no peito, enquanto o rapaz andava pra lá e pra cá, comia, dormia, estudava e

pensava. Essa condição não tinha nada a ver com o vazio vindo da Melancolia, pois aquele tinha a substância da derrota e da falha, enquanto esse, Vazio em nome, era o nada.

Ward sentia que, em pequenas mordiscadas ou em cortes milimétricos, o Vazio se expandia e menos dele mesmo sobrava em seu próprio corpo. Era como sentir diretamente na pele os efeitos decompositores do tempo, tal qual as colunas de um cânion esculpidas pelo vento, enquanto se atravessava o terreno da vida. Havia um quê de moribundo e de inevitabilidade, como sempre houvera, desde os dias em que a autoestrada parecia um paraíso e era assim que ele se mantinha no caminho, como um produto do destino e do sopro de ventos tempestuosos.

Em troca, ele tornara-se insensível, um processo iniciado em sua descida até o Andar IV, na qual constatara a impossibilidade de escolher pelos prazeres de seus desejos, e continuado pelo desmoronamento da ficção que fora seu cruzeiro do sul por quinze anos.

Sorrisos não mais lhe tocavam os lábios, risadas não lhe escapavam da garganta, lágrimas não rolavam por sua face e raiva alguma sentia do ralhar constante de sua mãe em relação ao Plano.

Havia um par de situações, porém, que lhe

reavivavam as emoções: a vista de Abby aplicando-se aos estudos com fervor, enquanto sua mãe contava as histórias da linhagem dos Royce e mostrava fotos de seu pai. Mas a natureza cruel de seu fim agora fora desvelada e, unida às imagens da perversidade cometida contra sua tataravó, lhe batia no peito um ar quente, suficiente para fazê-lo esquecer do Vazio por poucos minutos e substituí-lo por raiva. Este se voltava em maquinações e trilhas de raciocínio de resgate, das quais Ward logo desistia, dada a situação irreparável em que os dois estavam encarcerados, mas alguns caminhos foram, sim, percorridos.

Era com essa dupla de motivações, mais resquícios de sua humanidade do que um combustível em si, que Ward encontrara o que era necessário para, durante uma série de consultas médicas e cirurgias, afanar alguns utensílios médicos, como bisturis de aplicação anestésica contínua, adaptadores de microcâmeras intrusivas, conectores elétricos bioamigáveis e poucos outros para formar um pequeno despojo de utilidades.

Ele passara por uma remoção do apêndice, duas operações de ajuste no afastamento das orelhas das têmporas, uma angulação de nariz, algumas rotineiras passagens com seu dentista e outras tantas oportunidades, a maioria feita sem vaidade, porém necessárias.

O rapaz também comprou algumas porções de carne sintética, sucos nutritivos e moldes específicos para seu crescimento, criando com os três alguns tecidos artificiais de baixa qualidade, sob o pretexto de interesse acadêmico.

Era durante esses exercícios de concentração despreocupada em que, vira e mexe, questões maiores passavam pela cabeça de Ward. Nas brincadeiras com essas reproduções de vida independente de união, fosse ela simbólica ou de fato física, entre dois humanos, como os tecidos sintéticos, que reproduziam as funções biológicas para as quais eram programados, pensamentos emergiam em sua consciência e paralelos traçavam-se espontaneamente, sem que precisassem de sua vontade e, muitas vezes, de maneira contrária a ela.

Ele pensava, por vezes, nas condições de seu nascimento, arquitetada passo a passo por seus pais e um doutor, executada no interior de uma proveta, proporcionada pela mistura milimetricamente planejada de gametas, componentes de preservação do zigoto e por um útero sintético, criado sem falhas, torções, apertos ou lisuras.

Havia duas gerações inteiras de Algo-Royce assim, crias do vidro, e Ward não podia evitar em ponderar se isso colocava uma distância entre eles e a humanidade, pois

não se podia negar que sua origem nada de natural tinha, exceto as metades de material genético.

Por sua vez, isso o colocava a indagar se não era toda a humanidade que se afastava dela mesma com tantas possibilidades de aumentos tecnológicos, como lentes de contato que se escureciam e podiam ajustar configurações de *zoom*; órgãos artificiais feitos de derivados de carbono metálico e carne sintética, variando de olhos, pulmões, rins e próteses com conexões reconstruídas de nervos e que respondiam aos comandos do cérebro. Seriam esses rebites, conectores, microcomputadores e carnes produzidas em laboratório capazes de transformar o humano de tal maneira que uma transformação de gênero ocorresse?

Essa trilha o conduzia a uma clareira diferente, dominada por uma ideia diferente. Sempre o assustava a condição de Dalton Royce e de todos que ele escravizara sob seu punho de ferro mental... Por trás da primeira ojeriza, uma profunda reflexão se armava, iniciada na mesma temática da autoinspeção de Ward, apoiada na maquinação pela qual seu tataravô passara. Ele vivia preso num aquário em meio a um cardume de nanorrobôs que comia suas partes inúteis e as rearranjava como novas, dependente de remendos, pontes, arcos e dutos instalados

em seu interior para continuar respirando, alimentando-se e pensando. Sua situação sensorial e de comunicação era o que mais intrigava o rapaz, pois o fazia imaginar sobre toda a essência de uma pessoa capturada e enfiada numa caixa, que através de fios e eletricidade consegue ter vazão e interagir com o mundo.

Suas rumações sobre o cárcere duplo dos Diretores geralmente levavam a uma aceitação de que a hibridização do técnico e do humano era uma consequência quase natural da evolução, uma forma de adaptar-se ao ambiente da maneira mais efetiva e criativa possível. A tecnologia permitia que o homem voasse como os pássaros, nadasse como os peixes e corresse como os cavalos – e ainda os superasse em gênero, número e grau. Era o meio de exercer sua vontade, qualquer fosse ela.

O engodo que era a Unidade, agora que avaliada em profundidade, fora uma tentativa de convencer o mundo dessa ideia, de que os Royce eram a aposta certa para trazer plenitude à humanidade.

Era aqui, nesse ponto, que Ward caía no cerne de toda a história. O homem por trás da grande farsa era questionado de frente, seu egoísmo exposto na mente de seu tataraneto, bem como sua brutal crueldade e falta de empatia total, que beiravam o precipício da insanidade.

Talvez a empatia fosse a mais nobre das qualidades humanas, sua graça final e tentativa de redenção, oposta às guerras, aos preconceitos, à negligência ao alheio e mesmo ao que lhe mantinha vivo. Porém, ela era frequentemente esquecida e o falso profeta era desprovido de sequer um traço dela.

Sua humanidade, por mais quebradiça e manchada, não jazia nas porcentagens comparadas de circuitos e carne de seu corpo, mas em seus ideais e no que escolhera fazer de si mesmo. Gary o resumira muito bem: "Dalton Royce é um monstro saído da casa do caralho."

Alguns dias depois dessa constatação refeita de sua epifania vinda do quarto de Amálgama uma vida atrás, Jenna bateu à porta de seu filho no meio de seu horário de estudos, algo em muito incomum.

- Ward, querido, posso entrar? - O rapaz reconheceu seus tons de voz de choro e empolgação misturados. - Tem uma visita pra você...

Sua mãe deixou a frase suspensa no ar com uma interrogação arrastada, esperando uma resposta para que pudesse agir.

- Claro, mãe, pode entrar, mas não prefere que eu a receba na sala? - Não havia o que esconder ali no quarto, mas Ward desenvolvera um certo cuidado com o que

deixava à mostra em seu quarto, depois de furtar e ocultar tantos aparelhos delicados e clandestinos e de realizar experiências que deveriam ser omitidas por não fazerem parte do Plano.

Jenna achou a ideia do filho melhor e os dois foram até a sala.

Com as marcas dos sete anos passados evidentes em sua fisionomia, de cabelo penteado com gel da testa à nuca e metido num terno extravagante azul com detalhes prateados, o senhor V esperava sentado. Seu sorriso de canto de boca expandiu-se em um raiar quando Ward sentou-se à sua frente na mesa de jantar e ele pousou uma maleta de plástico duro e couro preto em seu tampo. As travas magnéticas soaram como a porta massiva do quarto nas alturas da antecâmara, no Andar X.

- É um prazer voltar a vê-lo, senhor Ward. Desde o dia em que nos conhecemos eu tinha certeza de que o visitaria com esses papéis na maleta! Você já tinha a cara de um prodígio desde então! - Sua fala era acompanhada de abanos de mão, gestos exagerados e um calor e carinho desagradáveis.

- É o Contrato Final, senhor V? - Ward respondeu sem afeto algum, em oposição ao executivo grudento.

- Sim, o próprio! Perspicácia da melhor qualidade,

senhor Ward! – E riu – Só precisamos clarificar umas questõezinhas aqui e tudo estará certo. Mas acredito que nada esteja fora do lugar, não é mesmo?

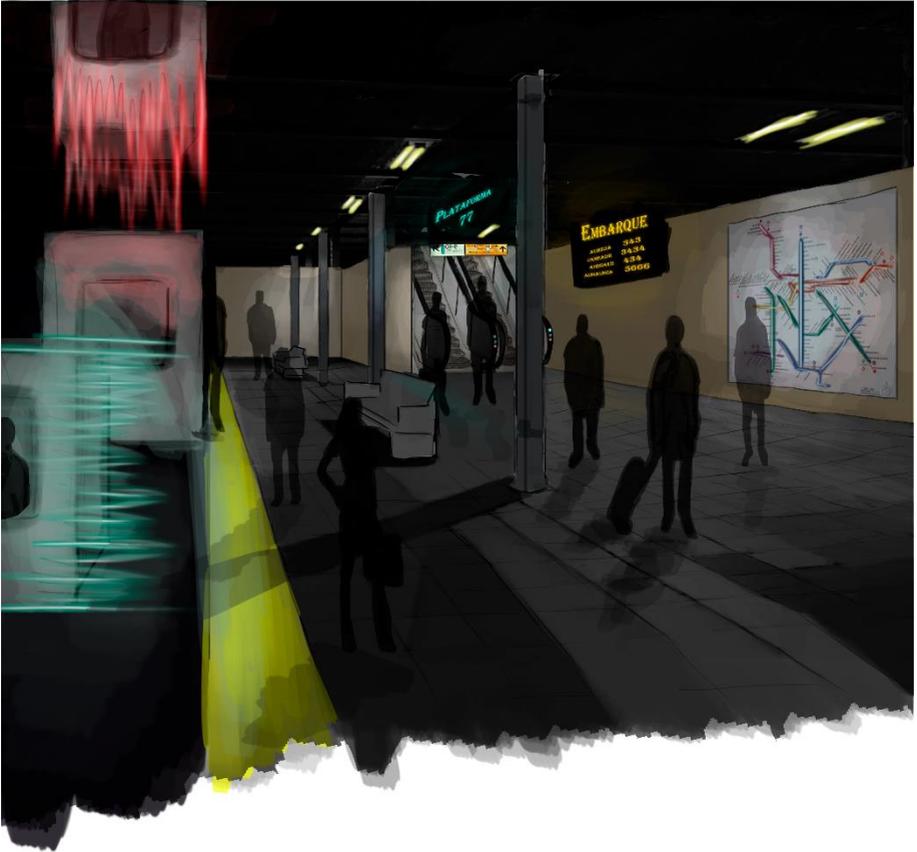
– Bom, pergunte e saberemos.

– Certo, certo, direto ao ponto, não é? Muito bom! A diversidade de aprendizado é, na verdade, procurada em candidatos à União, pois ela garante uma certa... criatividade que é muito desejada na administração de nossos investimentos, acordos e na solução de nossos problemas mais monumentais. – Mais um conjunto de risadas agudas – Temos algumas atividades não muito comuns em seu histórico de compras com o Banco Delta e nas suas viagens de metrô. Sabe do que eu falo?

– Claro, senhor V, pergunte à vontade.

O rapaz não demonstrava preocupação, apenas uma superficial expectativa, quase imperceptível e facilmente confundida com animação.

– Ok, ok. As compras referem-se às plaquetas de carne sintética não-diferenciada vindas da Galvani Biotech. O que nos intriga é que nada relacionado à bioengenharia ou à histologia encontra-se em seu Plano. Não suspeitamos de nada, é claro, só esperamos que seja honesto em caso haja algo para que o façamos – Seu ânimo não desfaleceu com o questionamento.



- Sou inteiramente culpado de fugir de meu Plano, senhor V. Na verdade, o faço desde criança e o fazia no dia em que o conheci com um sensor temporal durante a viagem de metrô. E acredito, ainda por cima, que essas pequenas transgressões foram muito valiosas no processo de seleção.

- A única preocupação quanto a violações do Plano é o risco de torrar. Você é realmente excepcional, senhor Ward! Talvez um outro rapaz estivesse babando preso a uma cadeira de rodas agora mesmo se o fizesse também!

Ward estacou brevemente, pois esperava algum tipo de repressão. Pelo jeito, sua venda já estava fechada de maneira irrevogável, só faltando sua assinatura nos papéis e a renovação de suas digitais no banco de dados. Sendo assim, aproveitou pra dizer:

- Acho que a seleção toda depende muito do que nos é dado pela genética quando nascemos, não concorda? Uma boa dose de sorte pode tirar muita coisa do caminho.

- E você é sortudo à beça, senhor. Podemos continuar. Todos estão ansiosos com a perspectiva de sua União. Diga-me, então, por que foi aos Andares inferiores, mais especificamente ao de número IV?

- Eu desci para ver por mim mesmo se não havia por aí algo que me faria desistir de tudo, largar todo o Plano

pra trás, bem como minha mãe, minha irmã e a Unidade. Desci porque, se esse virador de mundo existisse, não estaria aqui em cima, no marasmo da regularidade, mas nos corredores da vida apertada, sufocante e liberta – Ele respondeu na lata, quase sem pausa para pensar – Mas fique tranquilo, caro senhor V, pois não encontrei nada que valesse toda a maravilha do Andar VII. Isso são águas passadas.

Sua afirmação foi feita na perfeita imitação de alguém diligente e realmente decidido pelo bem maior, pela causa altruísta e do modelo que todo Royce esperava ver. E mascarava alguém que gastou todo seu tempo fazendo o que não queria e pelas quais não tinha autonomia. Ali, no meio do disfarce, havia o alívio de ter usado o dinheiro de Gary para sua compra mais extravagante, a qual não seria capaz de esconder ou de se desculpar de maneira convincente.

– Que ótimo, senhor Ward – a empolgação de V havia baixado com o sorriso sofrido do rapaz à sua frente – Agora só falta assinar e ativar nosso acesso ao seu inibidor de atividade neural e, então, será um homem elevado.

Ward rabiscou sua assinatura em uma folha de papel, pensando em como era obsoleta essa forma de

registro, e depois marcou suas digitais em uma tela sensível ao toque. A profecia de Jenna se confirmava: seria elevado ao completar dezoito aniversários.

Ele foi conduzido ao Andar X e, no prédio que abrigava Amálgama, foi levado para uma cirurgia veloz, pela qual ressoava o choro de alegria e luto de sua mãe, além dos pedidos de sua irmã para que ficasse. Na sala, foi ativada a em estado de dormência chave geral de seu cérebro: o recurso final para caso o contrato recém-assinado fosse violado.

δ

Em uma salinha privada, Ward conversava com Jenna pela última vez. Ela chorava, presa na ambivalência do destino de seu amado filho, agora saboreando o fruto de todo seu árduo trabalho, que nas ideias dela tinha o gosto de mel e morangos doces. Na boca do filho, o sabor era o mesmo das cinzas.

Ela agradecia ao homem que criara por toda a determinação que mostrara, e por seguir os passos de seu pai, dizendo como ele a enchia de orgulho e felicidade e que não ligasse para suas lágrimas, pois eram de felicidade.

Ele esperava que ela terminasse de falar, incomodado com a demora, pois, em sua cabeça, sabia que o último ponto de retorno passara e que o fim estava próximo. Ele seria mais um pedaço na lagoa salgada de Dalton Royce, mais um disco de memória física em seu processador super-humano, mais um escravo em seu engenho de divindades fabricadas. Quando ela acabou de falar, foi a vez dele:

- Mãe, você pode não levar tudo o que direi agora de bom grado e, com certeza, ficará magoada, mas essa é a última chance que tenho de fazê-la entender. Entre o Plano, sua adoração à Unidade, sua convicção total de que eu seria elevado e esses anos emendados de meu sacrifício para algo maior que nós, você se esqueceu de me dar a escolha e esqueceu de sequer imaginar, por um instante, que talvez não fosse aquilo que eu queria.

Fez uma pausa antes de continuar.

- E mesmo que você o fizesse, que chegasse a me perguntar se eu gostaria de me unir à aberração que é um homem que forçou sua esposa a ser sua siamesa deformada por ciúme, que subjugou a ela e a seus filhos e netos em uma rendição mental, que os privou até mesmo do pensamento, mesmo que perguntasse, eu diria que sim, era tudo que desejava, do fundo do coração, pois eu não

havia me deparado, até então, com a ideia de que uma alternativa existia. Agora, pode ter certeza, vou pôr um fim a isso tudo, pois foi para isso que você me moldou. Minha sina foi você quem construiu.

Jenna Cox-Royce se deteve por um momento, confusa, e, desmanchada em prantos, ajoelhou e agarrou as calças do filho. O choque criado pelo desmoronamento do Plano de seu filho era uma catástrofe capaz de fazer ruir sua vida, mas em meio a tudo que sentia, não encontrou espaço para raiva, apenas desculpas desarticuladas, difíceis de compreender em meio a engasgos, resfôlegos e inspirações desmedidas.

No esmagar nervoso de seus dedos estavam escondidos os anos de sacrifício para se casar com um dos Royce, os gastos com os tratamentos de Ward e as noites insones causadas pelo medo de falhar perante toda a sociedade contida em Roycestadt. Seu filho não lhe disse mais nada, saiu da sala e a deixou ali, desabada.

Na antecâmara outra vez, Ward agora contemplava o olho d'água de um de seus pesadelos: a pintura oleada da trajetória de cada um e todos os Royce. Seus novos olhos, descobertos da ilusão, não se enchiam de maravilha ou pesar, pois agora o Vazio tocava até mesmo eles.

Enquanto esperava pela volta de senhor V, o rapaz parecia estar desligado, imerso em devaneios de tempos melhores, embora se alguém perguntasse a qualquer um de Roycestadt, acabaria por achar que o rapaz subia ao panteão da Delfos moderna para se sentar junto aos olímpianos.

A trajetória que o levava até essa sala pela segunda vez se refazia, agora clara sua desgraça e ainda mais claro seu desejo de findar tudo de imediato. Com o retorno do executivo pegajoso, Ward seguiu à sala de *scanners* e, devido ao seu trabalho, de certa maneira, elegante, as modificações que fizera em seu corpo durante os dois últimos anos passaram despercebidas.

Cada adição era recoberta por remendos de carne sintética não-diferenciada da Galvani Biotech e, portanto, não passível de detecção, pois sua composição era também bioamigável. A pequena modificação no circuito de seu inibidor neural também foi imperceptível aos olhos dos especialistas, pois o procedimento padrão era invasivo o mínimo possível, consistindo em uma incisão guiada por um conjunto de ímãs que detectava a chave metálica responsável pelo acesso remoto.

Sete anos depois, tão diferente como se tivessem passado setenta deles, Ward passava outra vez pela porta

de cofre de fechaduras magnéticas e adentrava a penumbra tumular que encobria Amálgama.

δ

O arranjo da câmara do profeta de Delphi mantinha-se inalterado. As mesmas estátuas escondiam-se nas sombras, o mesmo labiríntico e estonteante riscado percorria os azulejos, o mesmo cheiro amoníaco invadia suas narinas, o mesmo ronronar dos filtros percorria a sala com elegância, o mesmo feixe de cabos subia a parede mais distante da entrada, o mesmo chapinhar de carne molhada fazia revirar seu estômago e o mesmo tambor retumbante de um coração titânico fazia o peito tremer com um grave sólido.

O único que mudara fora Ward de Cox e Royce e Dalton Royce não sabia disso.

O rapaz andou até a linha preta no chão e encarou a manifestação da Unidade que se apresentava na tela. Ele manteve-se em silêncio e ouviu.

- Seja bem-vindo... outra vez... Ward de Cox... e Royce... A Unidade está... feliz em revê... lo e... dentro de Nós... sentimos que... seu pai se orgulha... de você... encontra-se preparado... para a União?

– Sim, pois foi para isso que minha vida serviu. Sou seu devoto do nascimento ao fim.

– Podemos ver... que a pedra bruta... tornou-se uma gema... de brilho solar... Ultrapasse... então... a linha negra... e banhe-se... conosco...

Ward atravessou o espaço que o separava do tanque de Amálgama e debruçou-se sobre a borda. Nesse mesmo instante, sua mãe subia os degraus que levavam à sala de monitoração dos sinais vitais da Unidade e bradava os planos de seu filho, certa de que era um traidor, que não sabia onde tinha errado e que a ruína cairia sobre suas cabeças se não o impedissem. Os técnicos a receberam e ela explicou, ofegante e soluçante, a história.

A forma desnuda de Amálgama, crua e descoberta do véu de luzes indiretas, revelou-se para Ward. Era uma massa disforme, com centro avolumado, como um cefalotórax de um aracnídeo, mas carnudo e esponjoso, vincado de rugas profundas devido ao acúmulo de gordura e do tempo na água e possuindo uma cabeça gigantesca.

Ela flutuava em desequilíbrio e estava coberta por uma ruína de olhos malformados, narinas, dentes sobrepostos e lábios em forma de estrelas-do-mar, dotada de apêndices de comprimento variável, ora curtos como

pés e tornozelos, ora longos como um par de braços unidos nas pontas.

Toda essa massa estava em movimento irregular, descompassado, cada parte movendo-se em direção diferente, cada olho fitando um aspecto do mundo escuro que envolvia a criatura miserável, cada dedo, de sua centena, flexionando-se e retesando-se de maneira independente. Era como se o aperto de Dalton Royce sobre as consciências dominadas encontrasse sua vazão nos movimentos insignificantes e o resultado fosse uma máquina de carne controlada por uma dúzia de maquinistas diferentes.

Essa exposição livre de filtro fez um bolo subir do estômago de Ward e mergulhar na água do tanque, com cheiro, consistência e coloração pouco diferentes entre si.

Mas ali, na beira do precipício, sendo tragado por sua escuridão e sua desgraça, pois fora tolo o suficiente para olhar, o rebelde Cox-Royce fez sua afronta final:

– Eu conheço seus pecados, Dalton Royce. Sei como forçou Alana à uma prisão de carne, em que o cárcere e companheiro de cela eram você. Sei como iludiu sete gerações de seus filhos a unir-se a essa monstruosidade que mascarou de profeta. Sei que é mesquinho, egocêntrico, cruel e covarde. Sei como é incapaz de aceitar

a rejeição e sei como é fraco. É por isso que declaro que sou seu fim!

A imagem da Unidade no telão vacilou por alguns segundos e revelou a face furiosa de um velho por trás das sombras, enquanto o corpo de Amálgama entrava em polvorosa rebelião. Cada apêndice de coração estranho unido ao seu próprio batia em um ritmo diferente e Ward pôde perceber um novo padrão.

"Liberdade, liberdade, liberdade." – eles clamavam – e a ideia de que a primeira mensagem havia sido mandada por Alana Royce em um suspiro de valentia e força tornou-se ainda mais plausível. Enquanto isso, a figura do monstruoso senhor, agora derretida em interferência, berrava que seus técnicos não deixariam que nada acontecesse, pois ele era, sim, a Unidade.

Da sala ao lado, distante em três metros de concreto, onde repicavam os sinos dos vitrais do conglomerado de carne e onde piscavam as luzes que indicavam sua situação de saúde geral, podiam ser enviados mais nanorrobôs especializados, administrados medicamentos de emergência e serem controladas as estruturas mecânicas que seguravam Amálgama por dentro.

Nessa sala também estava Jenna para transmitir seu relato e, desesperados, os técnicos ficaram sem reação.

Coube ao próprio senhor V, com formal e solene pesar, apertar o gatilho da chave geral de Ward e cumprir as ordens não ouvidas de seu mestre.

Com a pressão do dedo do executivo, a tela deu a ordem de produção de um sinal livre de fios, que foi carregada pelo processador do microcomputador em que a chave de acesso se encontrava e foi processada na forma de zeros e uns – a forma bruta da informação –: que se inicie o processo de inibição neural.

Agora convertida em pulso elétrico, a informação foi transformada em ondas de rádio de alta frequência que atravessaram a parede de concreto e navegaram em uma radiação circular pela câmara até encontrar o pequeno dispositivo colado ao bulbo de Ward.

O receptor, ao receber o sinal, interpretou seu significado e produziu outro impulso que foi carregado pelas diversas instâncias de microchips instalados pelo resto do sistema nervoso central do rapaz, ordenando que qualquer sinapse nervosa existente fosse cessada e que nenhuma outra fosse produzida.

No momento de disparo do segundo sinal, partido do inibidor neural, a primeira modificação realizada por Ward entrou em ação. Ela era, em essência, também um

gatilho, mas não um de natureza informacional e, sim, de combustão.

O filho de Jenna pôde sentir no interior de sua cabeça quando a primeira faísca produzida pela ativação da chave geral foi produzida e começou a queimar, ultrapassando em pouco tempo a carne e o osso, ateando fogo a seu cabelo escuro.

O fogo foi aceso devido à segunda alteração: em cada nodo de carne sintética enfiado em seu corpo, Ward escondera uma quantidade pequena de explosivo plástico, inerte até que exposta à chama, sendo a modificação de seu corpo um gêmeo trapaceiro da compra escusa e clandestina realizada com as cédulas do barista há alguns anos.

As cargas foram ativadas em efeito dominó e o fogo, partindo de dentro do rapaz, invadiu a câmara toda. A reação foi tão rápida que não deixou fôlego para reflexão alguma sobre os conceitos de certo e errado criados pelo Conglomerado. Mesmo que houvesse tempo, ela não aconteceria, pois toda a doutrinação construída por anos a fio havia sido expurgada em alguns minutos de vídeo.

A doutrina consumiu seu engenheiro, mas também a aberração que ele tanto odiara e que, como julgara, era a fonte primária de todo seu infortúnio. Com um tremor

avassalador e com línguas vorazes de chama, o abalo chacoalhou e comeu pedaços das quatro colunas titânicas do dossel de Amálgama, causando um desabamento de pedregulhos de mármore sobre avôs, filhos, netos e também sobre a própria Roycestadt, dada a ruína que seguiria a morte de seu guia.

No microssegundo que lhe restou de pensamento, Ward Cox-Royce não sentia prazer algum em ser o libertador de sua tataravó, de seu pai e de seus tantos primos, nem se considerava um arauto da justiça que livrava o mundo de um tirano. Ele não sentia falta de sua mãe, não comemorava a libertação de sua irmã e de sua prima e nem se arrependia de jamais ter conhecido o que havia além das paredes da arcologia projetada e erguida por seu tataravô. Tudo já havia sido levado há muito tempo atrás em seus momentos de autofagia emocional.

Tudo que Ward sentia era alívio.

Sua total obliteração não deixaria traço algum de sua existência e, portanto, era o único caminho de sua libertação. Não restaria contorno algum para delinear o buraco em seu peito que crescera conforme o Vazio devorava tudo que lhe era precioso e o jogava numa vala de indiferença desmedida.

Ele escolheu pela primeira vez e, sua decisão, primeira e única, foi cabal, pois ele escolhia entre o descanso e uma existência que não mais poderia tolerar.

8

Sobre a TL224

TL 224 é um selo do Setor de Publicações do Instituto de Estudos de Linguagem, destinado a publicar monografias premiadas e textos literários produzidos pela comunidade da Unicamp. Toda a produção editorial é realizada por alunos dos cursos de Estudos Literários e Letras da Universidade Estadual de Campinas.

A equipe TL 224 agradece o apoio da direção do IEL, da coordenadora do curso de Estudos Literários, Daniela Birman, do supervisor do Setor de Publicações, Esmeraldo Santos, além do cuidadoso acompanhamento e auxílio da professora Marcia Abreu, da revisora da Editora Unicamp, Beatriz Marchesini, e da estagiária Larissa de Assumpção em todo o processo editorial.

Sobre o autor



Gabriel Ribeiro, nascido em Itu no ano de 1996, já estudou psicologia, mas hoje é estudante de Letras na Unicamp, tradutor e escreve contos de ficção científica e realismo fantástico.

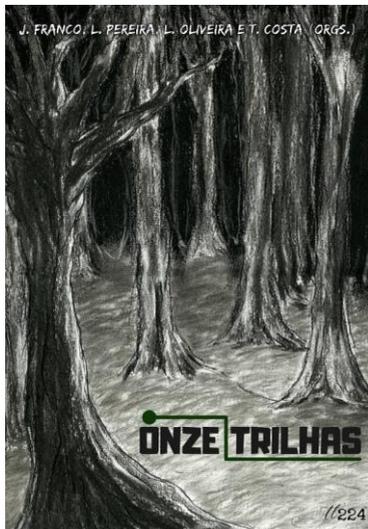
Sobre o ilustrador



Gabriel Jaconi, nascido em Campinas no ano de 1998, cursa o terceiro ano da faculdade de Design Digital pela Universidade PUC-Campinas. Passa seu tempo livre desenhando, pintando e assistindo bons filmes.

Outras obras da Editora TL244

"Onze trilhas"



Andressa C. Fernandes

Diogo R. A. Facini

Flávia C. Tomaz

Giovanni Saluotto

Laisa R. do Couto

Lucas V. de Toledo

Rafael Vergílio

Rayssa Deps Bolelli

Rita de Cássia F. Soffiatti

Tarso Zagato

Victor Santos



"Todo mar alagado de mim"

Tina Zani